

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCAS PICCOLI FERRAZ DE LIMA

**O BANQUETE DE BABETTE: HISTÓRIA, LITERATURA E CULTURA DA
ALIMENTAÇÃO**

CURITIBA

2014

LUCAS PICCOLI FERRAZ DE LIMA

**O BANQUETE DE BABETTE: HISTÓRIA, LITERATURA E CULTURA DA
ALIMENTAÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de História – Licenciatura e Bacharelado, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Arte da Universidade Federal do Paraná

Orientadora: Profa. Dra. Roseli
Terezinha Boschilia

CURITIBA

2014

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha orientadora, professora Roseli Boschilia, por ter me acolhido e principalmente por ter me guiado nessa pesquisa e me mostrado caminhos tão interessantes para o desenvolvimento da mesma. Agradeço à professora também pela paciência e dedicação com que me orientou.

Ao professor Carlos Antunes [*in memoriam*], meu primeiro orientador, com quem tive o primeiro contato com a História e Cultura da Alimentação. Lembro com saudade das conversas sobre comida e futebol, duas paixões que tínhamos em comum, apesar dos times rivais.

Aos meus pais, Luiza e Sérgio por tudo, tudo mesmo, por terem me aturado esse tempo todo e terem tido paciência com a minha vagarosidade inata para fazer as coisas. Ao meu irmão Francisco por ter me ensinado mais sobre a vida do que qualquer outra pessoa.

Quando entrei no curso de História não imaginei que faria muitos amigos, mas fiz e fiz muito mais que isso; Danilo e João vocês são muito mais que amigos, são irmãos pra vida toda e sei que estarão ao meu lado, independente do que aconteça.

Aos meus grandes amigos Henrique, Kaio, Paluza e Marcus que sempre estiveram comigo e me apoiaram, já passamos por tudo juntos e passaremos por muito mais.

Ao mestre Antônio Carlos Gonçalves, obrigado pelos sábios conselhos, pelos cafés e pela amizade. À Flávia pela amizade, pelas conversas e por ter me ajudado com uma paciência colossal em inúmeras matérias.

Agradeço também a todos os outros amigos que me acompanharam durante esse período, dentro do curso ou fora dele. Correndo o risco de esquecer alguém, agradeço à Weliton, Schneider, Guilherme, Micheleto, Vágner, Alexandre, Felipe Souza, Felipe Negreli, Leonardo Carvalho, Flávio Panuti, Rodrigo, Vivasvan, Alemão, Bárbara, Gabriela, Carla, Karlla, Andressa, Marlon, Alves, Ed Bolo, Werneck, Vieira, Augusto, Bruno Aranega e Felipe Chaves.

A realidade me havia encontrado, há pouco tempo, sob uma forma tão feia que não desejo mais entrar em contato com ela. Dentro de mim um medo sombrio estava ainda à espreita e procurei refúgio no fantástico, como uma criança procura refúgio no livro de histórias. Eu não queria olhar para frente, e não queria olhar para trás.

Isak Dinesen – Sete Contos Góticos

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conto “A Festa de Babette”, de autoria da escritora dinamarquesa Karen Blixen, sob a luz do arcabouço teórico da História e Cultura da Alimentação. Um segundo objetivo é apresentar alguns aspectos da biografia da autora que estão presentes na obra. O conto foi publicado pela primeira vez em inglês, no ano de 1950, na revista norte-americana *Ladies' Home Journal*. Para viabilizar a obra literária como fonte histórica, utilizamos o conceito de representação proposto por Roger Chartier. A História e Cultura da Alimentação por muito tempo foi negligenciada pela maioria dos historiadores, é apenas com a revolução historiográfica proposta pelo grupo dos *Annales* que a alimentação passa a ter um papel mais significativo na historiografia, a partir disso ocorre um grande aumento na produção, principalmente dos historiadores da Nova História Cultural. Alguns dos autores com mais destaque são Massimo Montanari, Jean Luis Flandrin e Carlos Roberto Antunes dos Santos. Para pensar a forma como a biografia da autora se insere nos contos é realizada uma discussão sobre o conceito de biografia e sua relação com a história, essa discussão é embasada em artigos de autoria de Pierre Bourdieu, Sabina Loriga e Roseli Boschilia. Ao final do trabalho, e utilizando esses referenciais é feita a análise do conto propriamente dito.

Palavras chave: História, Literatura, Cultura da Alimentação, Autobiografia

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
INTRODUÇÃO.....	7
1. HISTÓRIA E CULTURA DA ALIMENTAÇÃO.....	11
1.1 – CONCEITOS FUNDAMENTAIS.....	11
1.2 – HISTORIOGRAFIA DA ALIMENTAÇÃO.....	12
1.3 – HISTORIOGRAFIA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL.....	18
1.4 – ALIMENTAÇÃO E ARTE.....	22
2. A QUESTÃO BIOGRÁFICA.....	24
2.1 – A BIOGRAFIA E A HISTÓRIA.....	24
2.2 – A VIDA DE KAREN BLIXEN.....	33
2.3 – O USO DO PSEUDÔNIMO ISAK DINESEN.....	37
3. ANÁLISE DO CONTO – A FESTA DE BABELTE.....	40
3.1 – RELIGIOSIDADE, FAMÍLIA E PERTENCIMENTO.....	41
3.2 – O BANQUETE DE BABELTE.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54
ANEXOS.....	57

INTRODUÇÃO

Neste projeto inicialmente pretendia-se trabalhar como fonte principal o filme “A Festa de Babette” de 1987, dirigido por Gabriel Axel e vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro¹. O objetivo era refletir, a partir do filme, sobre a História e Cultura da Alimentação e como essa era capaz de produzir mudanças sociais significativas. Durante as pesquisas, constatamos que o roteiro do filme era uma adaptação de um conto escrito pela dinamarquesa Karen Blixen. Chamou muito a atenção, o fato do conto ter sido escrito por uma mulher, no final da década de 1940, com um pseudônimo masculino (Isak Dinesen). Foi esse fato que levou-nos a não só, substituir a fonte fílmica pelo conto, mas também a elaborar uma nova problemática na tentativa de conhecer a vida da escritora Karen Blixen.

À luz destas novas informações, trazidas pelo trabalho de pesquisa, o projeto ganhou novos contornos. Se antes, a preocupação era analisar uma fonte que permitisse refletir sobre a História da Alimentação, agora o interesse estava voltado para questões relacionadas à própria elaboração da obra que nos serve de fonte. Ou seja, até que ponto ao escrever este conto, a autora não está falando da sua própria experiência pessoal?

A partir destas considerações o presente trabalho tem como objetivo analisar o conto “A Festa de Babette²” sob a ótica da História e Cultura da Alimentação e dos estudos biográficos. Publicado pela primeira vez na revista norte-americana *Ladies’ Home Journal*, em 1950, o conto foi publicado posteriormente como um livro independente em 1952 e compilado na obra “Anedotas do Destino³”, lançado em 1958.

A narrativa começa em 1871, e se passa na aldeia norueguesa de Berlevaag⁴. Duas irmãs, Martine e Philippa, que moram juntas, são filhas de um pastor muito austero e já falecido que foi criador de seu próprio culto cristão. Embora após a morte do pastor a seita tenha parado de crescer, ainda há alguns seguidores, todos já com certa idade.

Na sequência, a autora retrocede quarenta anos época em que o pastor ainda está vivo e as duas irmãs são jovens e bonitas. Certo dia a família é surpreendida com duas visitas que tem um grande impacto em suas vidas. Martine passa a ser cortejada por um oficial da cavalaria sueca, Lorens, que se apaixona perdidamente por ela, contudo

¹ Informações extraídas do site IMDB: < http://www.imdb.com/title/tt0092603/?ref=fn_al_tt_1 >

² BLIXEN, Karen. **A Festa de Babette**. São Paulo: Cosac Naify Portátil, 2006.

³ BLIXEN, Karen. **Anedotas do Destino**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

⁴ Ver anexo 01. p. 57.

incapaz de expressar seu amor, o rapaz deixa a vila. Já a irmã mais nova Philippa, enquanto cantava na igreja, é descoberta por um cantor de ópera parisiense, Achille Papin, que era uma estrela internacional que havia ficado um ano na ópera de Estocolmo. Em busca de paz e tranquilidade ele viaja até à vila das duas irmãs, mas ao chegar lá, é tomado por uma grande melancolia ao pressentir que sua aposentadoria está próxima. Porém, ao ouvir Philippa ele se enche de entusiasmo e acredita que pode transformá-la numa grande estrela da ópera parisiense. Oferece-se para ser professor de canto da moça, o pastor aceita, e Papin inicia suas aulas. Ao final de uma das sessões Papin, tomado pelo entusiasmo ao final de uma canção, acaba beijando a moça. Philippa fica atemorizada e pede ao pai para não ter mais aulas com o francês e este parte da vila, infeliz e pesaroso.

A História retorna ao ponto inicial e as irmãs já idosas recebem a visita de uma jovem, Babette, que foi encaminhada por Achille Papin. Papin explica em uma carta que esta jovem estava fugindo dos tumultos causados pela Comuna de Paris e que todos os seus familiares haviam sido assassinados. Diante do pedido, as irmãs aceitam Babette como sua empregada, apesar de não terem condições financeiras para pagar pelos serviços prestados. Babette permanece vivendo modestamente com as irmãs por quatorze anos transformando-se em uma pessoa querida, não só pelas irmãs, mas por outras pessoas do vilarejo.

O único vínculo que Babette mantinha com a França era um bilhete de loteria que era anualmente renovado, graças à ajuda de um amigo. Um dia ela recebe uma carta dizendo que havia ganho dez mil francos através desse bilhete. Com o prêmio recebido Babette decide preparar para as irmãs e para os membros da seita um autêntico banquete francês. Muito a contragosto as irmãs concordam e Babette viaja até Paris para comprar os ingredientes. No momento em que as irmãs e a população do vilarejo veem os ingredientes chegando, se assustam e temendo uma luxúria demasiada, o que era proibido pela seita, fazem um pacto com os outros fiéis de ir ao jantar, mas não tecer nenhum comentário sobre a comida.

O antigo pretendente de Martine, agora general Lorens, por uma coincidência participa do jantar e lembrando suas refeições no *Cafe Anglais*, em Paris, reconhece as diversas iguarias preparadas por Babette e desconhecendo o pacto passa a tecer vários comentários sobre a comida. Os habitantes do vilarejo vão aos poucos se deixando levar pelas sensações provocadas pela comida e pela bebida. No final é revelado que Babette

era cozinheira no *Cafe Anglais* e que gastou todo o dinheiro recebido na preparação do jantar.

Para proceder à análise deste conto, algumas considerações teóricas devem ser feitas. A primeira delas envolve a relação entre história e literatura, cuja discussão se insere nos debates promovidos pela Nova História Cultural. No livro “A História Cultural: entre práticas e representações”⁵, o historiador francês Roger Chartier afirma que a obra literária não deve ser entendida como um objeto individualizado, um ponto fixo, mas como um conjunto de significados que envolvem as diversas relações com outras obras, com o próprio autor e com os leitores.

Para viabilizar esse tipo de interpretação da literatura como fonte histórica, Chartier elaborou o conceito de representação. A literatura seria uma representação do mundo, que não necessariamente corresponderia à verdade. A representação seria, portanto, um instrumento mediador entre uma realidade que não existe e os signos que a representam. Essa construção de uma realidade que não existe, está sujeita à significação que a ela são atribuídos. Na literatura estão presentes dois “tempos” distintos, o primeiro deles é aquele que é narrado pelo autor, o segundo é o contexto de produção da obra, que diz respeito às conjunturas políticas e sociais, mas principalmente as subjetividades de seu autor, afinal, cada obra carrega consigo diversos elementos desse momento.

Sendo assim, estruturamos essa monografia em três capítulos, o primeiro deles procura delimitar teoricamente o campo da História e Cultura da Alimentação, assim como fazer uma breve retrospectiva historiográfica da área. Destacando importantes pensadores da área tanto estrangeiros como Jean Paul Aron, Massimo Montanari e Jean Louis Flandrin, quanto brasileiros como Carlos Roberto Antunes dos Santos, Ulpiano Bezerra de Meneses e Henrique Carneiro.

O segundo capítulo procura discutir o conceito de biografia, justamente para melhor compreender como devemos interpretar a escrita sobre a vida de alguém, nesse caso, a autora do conto Karen Blixen. São utilizados para discutir a questão biográfica três autores; Pierre Bourdieu e seu artigo “A Ilusão Biográfica”⁶, Sabina Loriga em seu

⁵ CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro; Lisboa: Bertrand Brasil: DIFEL, 1990. p. 136.

⁶ BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FIGUEIREDO, Janaina Amado Baptista de; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. São Paulo: FGV, 2006.

texto intitulado “A Biografia como Problema”⁷ e Roseli Boschilia que também debate a questão no artigo “Sidónio Muralha: Memórias Autobiográficas de um *Homem Arrastado*”⁸. Para levantar questões sobre a vida autora é utilizada a biografia escrita por Judith Thurman, intitulada “A Vida de Karen Blixen (Isak Dinesen)”^{9,10} e o site oficial do museu dedicado à vida de Karen¹¹; <http://blixen.dk/en/>.

O terceiro capítulo procede à análise do conto propriamente dito, procurando responder as duas questões inicialmente propostas como objetivos deste trabalho. Primeiramente analisar o conto sob a perspectiva da História e Cultura da Alimentação, utilizando os referenciais teóricos apresentados no primeiro capítulo. Em seguida tentar compreender o quanto da vida pessoal da autora está presente no conto, usando os conceitos e interpretação do que seria uma biografia expostos no segundo capítulo. Esses dois objetivos também se entrelaçam, afinal, a concepção que a autora tem da importância da alimentação advém de sua própria experiência, tentaremos mostrar também como isso ocorre.

⁷ LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogo de Escalas: A Experiência da Microanálise**. FGV: Rio de Janeiro, 1998.

⁸ BOSCHILIA, Roseli. Sidónio Muralha: memórias autobiográficas de um “homem arrastado”. **Navege@mérica. Revista electrónica editada por la Asociación Española de Americanistas**. 2013, n. 11. Disponível em <http://revistas.um.es/navegamerica>.

⁹ Ver anexo 02. p. 57

¹⁰ THURMAN, Judith. **A vida de Isak Dinesen (Karen Blixen)**. Record: Rio de Janeiro, 1985

¹¹ Ver anexo 03. p. 58.

1. HISTÓRIA E CULTURA DA ALIMENTAÇÃO

1.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS

A alimentação é uma das necessidades fisiológicas mais básicas do ser humano. Sem ela não teríamos energia para realizar qualquer outra atividade, no entanto, ela é muito mais que isso, é um importante instrumento para o entendimento das sociedades.

Hoje há um grande interesse pela gastronomia, principalmente nos últimos quinze anos, houve um *boom* de livros de receitas, há programas televisivos sobre culinária que tornaram muitos *chefs* de cozinha verdadeiras celebridades midiáticas. Tudo isso também aumentou o interesse pela História e Cultura da Alimentação e consequentemente a produção de obras acadêmicas sobre o tema também cresceu bastante, mas esse interesse sobre as práticas alimentares é muito mais antigo.

Por sua importância nos mais diversos graus, desde a simples subsistência até o jantar mais refinado, a alimentação sempre foi alvo de curiosidade por parte de intelectuais ao longo do tempo. Platão já tratava do tema em um de seus diálogos; “O Banquete¹²”, no qual após uma noite em que se come e bebe muito, os personagens passam a discutir o que é o Amor. Muito mais adiante no século XIX, o advogado, político e cozinheiro francês Brillat Savarin escreveu uma obra intitulada “A Fisiologia do Gosto¹³”, onde discursa sobre as virtudes da boa mesa e bem ao espírito de seu tempo defende que essa é uma ciência.

Platão e Savarin são apenas dois exemplos dentre inúmeros intelectuais que se interessaram pela alimentação para além de seus aspectos nutricionais ou biológicos. Esse interesse, como colocado anteriormente, também é muito vivo em nossa sociedade contemporânea. Todas as pessoas conseguem elaborar definições sobre o outro, baseando-se naquilo que esse outro come.

Ao nos depararmos com um prato de *spaghetti* à bolonhesa ou uma pizza, imediatamente associamos esses alimentos a uma cozinha clássica italiana. Da mesma forma pensamos no churrasco como um prato tipicamente gaúcho ou argentino. Esses são apenas exemplos do cotidiano que mostram conexões entre um prato e um país ou

¹² PLATÃO. **O Banquete**. São Paulo: Saraiva de Bolso, 2012.

¹³ BRILLAT-SAVARIN, Jean Anthelme. **A fisiologia do gosto**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1989.

um grupo social. Por mais simplistas que sejam essas afirmações, elas mostram o quão forte é a alimentação no imaginário coletivo.

Afinal, o que as pessoas comem e a maneira com que comem revelam traços culturais que nos possibilitam um caminho para entender um pouco mais daquele determinado grupo social. O importante na consolidação da História e Cultura da Alimentação como um tema relevante na historiografia é justamente essa percepção de que as práticas alimentares possuem sua própria historicidade e significado.

A alimentação deve preencher as necessidades nutricionais dos indivíduos, mas essas necessidades variam conforme a cultura de cada sociedade. O professor Carlos Roberto Antunes dos Santos define assim o papel da História e Cultura da Alimentação:

Alimentar-se é um ato nutricional, comer é um ato social, pois se constitui de atitudes, ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações. Nenhum alimento que entra em nossas bocas é neutro. A historicidade da sensibilidade gastronômica explica e é explicada pelas manifestações culturais e sociais, como espelho de uma época e que marcaram uma época. Nesse sentido o que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come, como se come e com quem se come. Enfim este é o lugar da alimentação na História.¹⁴

1.2 HISTORIOGRAFIA DA ALIMENTAÇÃO

A História se estabeleceu como disciplina acadêmica na segunda metade do século XIX, nesse momento os temas mais relevantes eram relacionados á aspectos políticos, econômicos e militares. Outras ciências sociais adentraram no tema da alimentação antes da História, como é o caso da Antropologia, que desde o século XIX tentava interpretar os hábitos alimentares de várias culturas¹⁵.

É com a criação da chamada Escola dos Annales em torno do periódico *Annales d'histoire économique et sociale*, em 1929 que a História passou a se preocupar com outros temas. A multidisciplinaridade era uma das questões mais importantes para os criadores da revista; Lucien Febvre e Marc Bloch, isso abriu espaço para que muitas

¹⁴ SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **História da Alimentação no Paraná**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2005. p. 12

¹⁵ MENESES, Ulpiano T. Bezerra; CARNEIRO, Henrique. História da alimentação: balizas historiográficas. In: **Anais do Museu Paulista** – História e Cultura Material. São Paulo: Nova Série, v. 5, p. 9-91, jan-dez,1997. p.19.

áreas que não eram contempladas por uma historiografia tradicional fossem reconhecidas como relevantes.

Com a segunda geração dos *Annales*, através de Fernand Braudel, muda-se o foco dos acontecimentos para uma História do cotidiano, baseando-se no conceito de longa duração. Para um historiador da longa duração o que interessa são as mudanças econômicas e sociais de longo prazo e as mudanças geográficas de muito longo prazo¹⁶.

Essa História do cotidiano, da longa duração, juntamente com a multidisciplinaridade, foram fatores que permitiram que a questão alimentar fosse encontrando seu espaço. No começo muito timidamente, para, posteriormente, assumir um papel mais relevante.

Com essas inovações de Braudel a História e Cultura da Alimentação firma-se definitivamente no campo da pesquisa histórica¹⁷. Braudel inspirou-se em alguns textos de Lucien Febvre sobre a distribuição regional de gorduras na França e abordou o alimento como um dos aspectos mais importantes para a sobrevivência humana, juntamente com a habitação e o vestiário¹⁸. Esses três aspectos foram fundamentais para a elaboração do seu conceito de cultura material, que permeia toda a sua obra.

Braudel analisa as crises de abastecimento de alimentos na Europa e consegue defini-la como um continente de “comedores de trigo”, em contraste com o Extremo Oriente onde imperava o arroz e a América do Norte, região na qual o grão mais consumido era o milho¹⁹. Assim Braudel conseguia comparar, em diversos aspectos, o trigo com esses outros cereais ao redor do mundo. Ele pôde compará-los tanto no aspecto nutricional, quanto do plantio e da colheita, qual o mais resistente etc.

Nesse momento o enfoque dado às práticas alimentares na historiografia eram direcionadas ao aspecto econômico (abastecimento, escassez) ou ainda a seus aspectos nutricionais. É na terceira geração dos *Annales*, a partir da década de 1970, que ocorre uma verdadeira “revolução” historiográfica para o estudo das práticas alimentares.

¹⁶ REINHARDT, Juliana Cristina. História e alimentação: uma nova perspectiva. **Revista Vernáculo**, [S.l.], n.3, DEZ. 2000. P. 38.

¹⁷ SANTOS, Op. Cit., p. 12

¹⁸ Idem.

¹⁹ BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929 – 1989: A Revolução Francesa da Historiografia**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1992. p. 41

Essa revolução ocorre com o lançamento de uma coletânea intitulada “História: Novos Problemas, Novas Abordagens, Novos Objetos”. Seus organizadores Jacques Le Goff e Pierre Nora defendiam uma História “fatiada”, em oposição a uma História absoluta. Segundo eles, vários tipos de História poderiam coexistir e seriam igualmente válidos²⁰.

Faz parte dessa coletânea o texto “A Cozinha: Um Cardápio do Século XIX”, de Jean Paul Aron. Aron analisa diversos documentos (desde tabelas de preços dos alimentos até cardápios de hotéis) para traçar um panorama da alimentação dos parisienses no século XIX.

Ele inova, pois além de ter a alimentação como objeto principal de seu estudo, ele afirma que o documento culinário pode ser analisado sob diversos aspectos. A partir deles, Aron consegue fazer inferências sob a perspectiva da biologia, economia, medicina e administração²¹.

Assim, ele nos permite compreender a gigantesca variedade de possibilidades e informações que podem surgir estudando a alimentação de um povo. Segundo ele, a cozinha é única como objeto de estudo, pois nasce de uma necessidade (a alimentação) para aceder às produções preciosas da cultura e da arte (a gastronomia)²².

Aron afirma ainda que o estudo dos documentos culinários nos convida a uma reflexão metodológica. A esse respeito ele coloca:

Quanto à cozinha, com efeito, o documento nos diz, ao mesmo tempo tudo e nada. Nada porque nenhuma narrativa, nenhum comentário nos dá a medida do gênio de Carême²³. Tudo porque Carême, ele mesmo, e os cozinheiros, os *mâitres*, os anfitriões redigiram a refeição, sua composição, seu cerimonial, como um texto inseparável de seu objeto. Objeto que deve ser abordado sob uma nova ótica, se é verdade que nos foi entregue fisicamente em seu próprio enunciado, que não nos promete senão o que nos dá, que o saber que aprendemos dele envolve numa síntese única sua evidência e suas sombras²⁴.

²⁰ SANTOS, Op. Cit, p. 12

²¹ ARON, Jean Paul. A Cozinha: um cardápio do século XIX. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História, novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974. p. 161.

²² Idem.

²³ Marie-Antoine Carême (1783 -1833), importante chef de cozinha francês.

²⁴ ARON, Op. Cit, p. 161

Já no contexto de produção da obra de Aron, a chamada Nova História, podemos observar uma grande aproximação entre História e Antropologia. Essa aproximação é fundamental, uma vez que introduz o aspecto cultural na historiografia da alimentação, passa-se a olhar com mais atenção às maneiras como cada cultura se relaciona com os alimentos.

A base dessa convergência entre historiadores e antropólogos seria a ideia compartilhada pelos dois grupos de que a realidade é construída social ou culturalmente²⁵. Aqui estamos falando de um conceito amplo de cultura, que segundo o antropólogo Roberto Da Matta seria uma maneira única e precisa das pessoas fazerem as coisas²⁶.

Assim cada grupo social teria nos alimentos uma chave simbólica, expressando diversos aspectos, aspectos estes, que fazem parte do contexto cultural daquele determinado grupo social. Isso reforça a tese de que a alimentação é muito mais do que consumir nutrientes para a subsistência, trata-se de uma representação simbólica de valores estabelecidos.

Na cultura hindu, a vaca representa um ancestral sagrado e o consumo de carne bovina é um tabu. O consumo de leite, no entanto, é tolerado justamente por ser produzido pela vaca, dessa maneira quem o bebe estaria protegido. Outro exemplo de tabu alimentar é a proibição aos muçulmanos e judeus de comer carne suína.

No entanto, esses valores, assim como a própria cultura estão em constante mutação, isso fica evidente ao analisar os hábitos alimentares ao longo do tempo. No ocidente não foi sempre que comemos com garfos e facas, sendo essa uma prática que se disseminou a partir do século XVIII. Isso evidencia não apenas um maior cuidado com a higiene, mas também um crescente individualismo²⁷.

Dentro dessa perspectiva, da História da Alimentação situada no campo da História Cultural, a produção sobre o tema cresceu muito. Desde a década de 1980 diversos historiadores passaram a se dedicar a temas ligados à História e Cultura da Alimentação. Nesse contexto, um estudo merece especial destaque, trata-se de “História

²⁵ BURKE, Peter. *Burke. A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992, p.23.

²⁶ DA MATTA, Roberto. *O que faz do Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1984, p. 16.

²⁷ Ver Norbert Elias – *O Processo Civilizador*. ELIAS, N. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

da Alimentação”, uma compilação de diversos estudos organizada pelos historiadores Jean-Louis Flandrin e Massimo Montanari. A obra foi lançada originalmente em 1996 e ganhou uma edição brasileira em 1998 pela editora Estação Liberdade de São Paulo. Um pouco mais de espaço sobre esse livro é válido, pois de forma sucinta conseguimos ilustrar algumas mudanças interessantíssimas na maneira como o homem foi pensando e desenvolvendo seus hábitos alimentares.

É um trabalho que teve um impacto marcante nos estudos sobre alimentação em todo o mundo, inclusive no Brasil. Toda essa repercussão positiva é justificada, afinal o livro reúne trinta anos de pesquisa de diversos autores e é organizado de maneira extremamente didática sem perder a profundidade. O livro tem mais de oitocentas páginas e é dividido em sete capítulos ordenados cronologicamente, desde a pré história até a contemporaneidade. Essa divisão cronológica permite ao leitor acompanhar as lentas modificações que ocorreram nas práticas alimentares da humanidade. É um trabalho que além de propor novos métodos para o estudo da alimentação se preocupa com os hábitos alimentares cotidianos, para isso usa como referencial teórico o conceito de longa duração de Fernand Braudel²⁸.

No livro há muitas conclusões interessantes sobre os processos de transformação das várias facetas que envolvem a alimentação humana, lembrando que os autores escrevem a partir de uma perspectiva europeia e que, portanto esse é o referencial alimentar do qual partem. Com o auxílio de Flandrin e Montanari é possível traçar um resumido panorama da alimentação no ocidente. Aqui salientarei apenas algumas das conclusões mais interessantes do livro. Segundo os autores três eventos tiveram importância fundamental para constituir o regime alimentar ocidental como o conhecemos hoje; as grandes navegações, a Reforma protestante e a revolução industrial.

As grandes navegações permitiram uma integração comercial que permitiu que alguns produtos então exóticos fizessem parte da mesa dos europeus como o café, chá, pimenta e chocolate e mesmo o açúcar que já era conhecido, mas é nesse período que ocorre um grande aumento em sua produção e difusão. Outros alimentos, apesar de

²⁸ SANTOS. Carlos Roberto Antunes dos. **Alimentação e seu lugar na história**: os tempos da memória gustativa. História Questões e Debates. n. 42. Curitiba: UFPR, 2005.p. 17.

ficarem conhecidos nesse mesmo período demoraram um pouco mais para figurar de forma definitiva na mesa europeia, caso do tomate, batata e do milho²⁹.

Sobre a Reforma, os autores também destacam sua importância nos seguintes termos:

Outras grandes transformações históricas da época também tiveram importantes consequências no sistema alimentar. É o caso da Reforma protestante, por exemplo, que destruiu uma regulamentação eclesiástica que constituía um poderoso fator de unidade da alimentação ocidental na Idade Média; a Reforma, portanto estimulou a diversificação das cozinhas nacionais; é o caso também da dominação econômica dos países do norte da Europa, que favoreceu a produção e o consumo de álcool – tanto nos países consumidores de vinho como nos outros, talvez na mesma medida; e também do desenvolvimento da imprensa, que acarreta a difusão da cultura escrita: ela modifica a função do livro de cozinha e privilegia a influência de determinadas cozinhas nacionais em detrimento das de outros países da Europa³⁰.

Lendo Flandrin e Montanari podemos afirmar que nenhum outro fenômeno teve tanto impacto na alimentação humana (em um período de tempo relativamente curto) quanto a Revolução Industrial, desenvolvem-se as primeiras tecnologias para a produção de alimentos em larga escala. Com a “ditadura do relógio” causada pelo trabalho nas fábricas, há cada vez menos tempo para as refeições em família. No século XX com a necessidade das mulheres trabalharem fora de casa, há um grande crescimento no número de restaurantes e o *fast food* conquista um espaço definitivo em uma sociedade que não tem mais tempo a perder. O gosto e a qualidade dos alimentos são substituídos pela quantidade e pela eficiência em sua produção, além do *fast food* outro exemplo disso são os pesticidas nas plantações de vegetais e frutas.

Hoje vivemos em um mundo que produz uma quantidade incrível de alimentos, no entanto, muitas pessoas ainda morrem de fome, por outro lado em alguns países a obesidade é uma epidemia e uma grave ameaça à saúde pública. Existem alguns movimentos que travam uma luta difícil contra esse modelo capitalista de alimentação, entre eles está o *slow food*, que prega uma alimentação pautada no prazer da refeição, na ecologia e no preço justo dos alimentos.

²⁹ FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 532.

³⁰ Idem

1.3 HISTORIOGRAFIA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL

Assim como em outras partes do mundo, no Brasil as primeiras obras sobre alimentação não foram escritas por historiadores e sim por pensadores de outras áreas, que, no entanto, se utilizaram da História na escrita de seus trabalhos. Nesse contexto, sem dúvida um dos nomes mais importantes na produção sobre alimentação no Brasil é o do potiguar Luís da Câmara Cascudo (1898 – 1986), Cascudo era um erudito, sociólogo, estudioso do folclore brasileiro, sobre o qual publicou vários livros. Sobre alimentação, seu livro mais famoso chama-se “A História da Alimentação no Brasil”, publicado originalmente em 1967.

Cascudo busca entender como seria e qual seria uma cozinha tipicamente brasileira, para tal ele busca elementos de especificidade regional e trabalha com três tipos de alimento; o indígena, o africano e o português. Essa miscelânea caracterizaria a cozinha brasileira, dando a ela um caráter multicultural. Por também trabalhar com a ideia de longa duração de Braudel, Cascudo afirma que a fidelidade ao paladar, que se fixa ao longo do tempo pode ser tão forte que se tornaria biológica³¹, tal afirmação só poderia ser feita quando se observa um período bastante grande de tempo. Cascudo também foi em vários sentidos um precursor do que se tornaria a História da Alimentação posteriormente, pois estudou a influência dos alimentos no cotidiano das pessoas e teve uma grande preocupação em entender o que significava a comida, principalmente nas camadas mais populares da população brasileira. Assim ele estuda, por exemplo, a importância da mandioca na alimentação dos brasileiros³².

Em 1963, Cascudo publicou um artigo intitulado “Folclore da Alimentação”, na Revista Brasileira de Folclore. Nesse Artigo Cascudo faz uma lista de alimentos e coloca seu significado popular, o *banana* seria uma pessoa mole e sem atitude, já um *bucho* seria uma mulher muito feia, ao passo que um *filé* seria, ao contrário, uma mulher muito bonita. Isso demonstra como Câmara Cascudo entendia a alimentação como um processo que ia muito além do nutricional, sendo assim podemos considerá-lo um pioneiro nesse aspecto, como colocado anteriormente os sociólogos e principalmente os antropólogos se preocuparam com o aspecto cultural dos alimentos antes dos historiadores. Sendo assim a obra de Cascudo teve um valor muito grande para os

³¹ Ibidem.p.18

³² CASCUDO, Luis da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. São Paulo: USP, 1983. p. 108.

historiadores brasileiros, uma referência nacional que trabalhou com temas típicos de nosso país.

Posteriormente, na década de 1990 com a História da Alimentação já bem estabelecida na Europa, podemos citar mais duas obras brasileiras que ajudaram a consolidar esse campo também em nosso país. A primeira delas lançada em 1997 é intitulada “História da Alimentação” escrita pelos professores Henrique Carneiro e Ulpiano Meneses. Nesse trabalho, ao procurar definir as balizas historiográficas para o campo da História e Cultura da Alimentação, eles estabelecem um leque de disciplinas ligadas à alimentação e fazem uma rigorosa análise historiográfica³³.

Dentro dessa multidisciplinaridade ressaltada pelos autores, merecem destaque cinco áreas da História da Alimentação; a cultural, a biológica, a filosófica, a econômica e a social³⁴. Os autores ressaltam que essas áreas se misturam e resultam não apenas em uma multidisciplinaridade, mas também em uma interdisciplinaridade. É interessante também observar que os autores, lamentam ao final do artigo que a História da Alimentação tenha sido negligenciada no Brasil (exceto na História Econômica)³⁵ e defendem que com aquele mesmo artigo estavam iniciando essa consolidação.

A segunda obra de fundamental importância para os estudos de alimentação no Brasil é intitulada “Por uma História da Alimentação”, também publicada em 1997 e de autoria do professor Carlos Roberto Antunes dos Santos. Em um artigo posterior, de 2005, o autor coloca o que pretendia com a obra de 1997:

Contemporâneo a esse trabalho é o texto de minha autoria, intitulado *Por uma História da Alimentação*, publicado em 1997, no qual além de apontar algumas das possibilidades de pesquisa emanadas do tema da gastronomia, apresento a tese de que a formação do gosto alimentar, não é, exclusivamente, determinado pelos valores nutricionais, biológicos. Concorrem aí também as mentalidades, os ritos, o valor das mensagens que se trocam quando se está diante da mesa e da comida, os valores éticos e religiosos, a transmissão e intrageração, a psicologia individual e coletiva e outros tantos fatores. Desta forma, o alimento constitui uma categoria histórica, pois os padrões de permanências e mudanças nos hábitos alimentares em ritmos diferenciados têm referência na própria dinâmica social³⁶.

³³ SANTOS, Op. Cit, p. 14.

³⁴ CARNEIRO, Henrique; MENESES, Ulpiano Bezerra de. Op.Cit. p. 11.

³⁵ Ibidem. p. 56.

³⁶ SANTOS, Op.Cit. p. 15.

Além disso, Santos também cita o livro “A Invenção das Tradições” de Eric Hobsbawm e Terence Ranger como suporte teórico para as questões das tradições culinárias. Essa obra é reconhecida hoje como um passo fundamental, sem o qual a História da Alimentação ainda seria um campo incipiente no Brasil. Outra obra importantíssima do autor, “História da Alimentação no Paraná”, publicada em 1995 foi uma das primeiras publicações de autores brasileiros que colocava a alimentação como seu tema central.

A contribuição do professor Carlos Antunes Roberto dos Santos foi muito além de sua própria produção sobre o tema. Tendo realizado sua graduação e mestrado em História na UFPR, ele foi para a França onde realizou seu doutorado e pós-doutorado na Universidade de Paris - e foi nessa Universidade que teve os primeiros contatos com pesquisadores da História da Alimentação. Em 1993 fundou um grupo de pesquisa sobre o tema na UFPR³⁷, sendo criado posteriormente um site desse mesmo grupo de pesquisa www.historiadaalimentacao.ufpr.br. O site reúne grande material acadêmico e permite uma troca de informações entre pesquisadores do Brasil e do mundo, trazendo também notícias, indicações de livros e filmes sobre o assunto. Além disso tudo, o professor Santos foi reitor da UFPR entre 1998 e 2002 e presidente do grupo Slow Food Paraná, que como já foi mencionado é uma organização que busca resgatar as tradições culinárias e o hábito de se comer bem, de forma acessível.

Penso que é válido destacar aqui alguns trabalhos de colegas envolvidos no grupo de pesquisa de História e Cultura da Alimentação, para que possamos traçar um panorama mais amplo dos temas discutidos e as questões propostas pelos historiadores da alimentação. Há trabalhos que analisam restaurantes, como é o caso da dissertação de mestrado de Mariana Corção, intitulada “Os Tempos da Memória Gustativa: bar Palácio, Patrimônio da Sociedade Curitibana (1930 – 2006)³⁸”. A autora demonstra nesse trabalho a identidade única do Bar Palácio, um dos mais tradicionais de Curitiba, e sua relação com os habitantes da cidade.

Outro tipo de pesquisa comum no âmbito da História e Cultura da Alimentação é aquela que se dedica a um alimento específico, é o caso da monografia de graduação de

³⁷ Informação extraída do site: <<http://www.historiadaalimentacao.ufpr.br/institucional/quemsomos.html>>

³⁸ CORÇÃO, Mariana. **Os Tempos da Memória Gustativa: Bar Palácio, Patrimônio da Sociedade Curitibana (1930-2006)**. Curitiba, 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Giovanna Piffar; “A Polenta Como Forma de Expressão da Cultura Popular Italiana³⁹”, segundo Piffar o objetivo da pesquisa era perceber como os descendentes de italianos, que hoje habitam o bairro de Santa Felicidade em Curitiba, se apropriaram de um alimento como forma de expressão da cultura italiana⁴⁰. Aqui ela estabelece um vínculo entre a polenta e a identidade desses descendentes de italianos, bem como a contribuição do alimento para esse sentimento de pertencimento a um determinado grupo social. Heloíse Peratello e Silva faz o mesmo em sua monografia; “A negação da Carne: O universo do Não Comer e a Idealização dos Hábitos Alimentares (1977-2006)⁴¹”, ao ter a carne como o alimento de estudo, mas sob outra perspectiva, a do *não comer*, ela analisa os discursos médicos que rejeitavam a carne como um alimento saudável.

Também temos trabalhos que procuram, através de uma perspectiva histórica, demonstrar como chegamos a ter os hábitos alimentares que temos hoje, ou seja, de que maneira nos alimentamos. É o caso da tese de doutorado de Cineida da Silva Gomes Ribeiro; “Tudo Pronto: O Comer Fora e o Prazer Reinventado – Curitiba (1970-2000)⁴²”, em que a autora analisa o hábito tipicamente brasileiro do buffet por quilo. Há trabalhos que estudam a relação da alimentação com outras práticas sociais como a religião, é do que trata a dissertação de Ana Paula Nadalini em que ela analisa a relação da alimentação e do candomblé, a dissertação é intitulada “Comida de Santo na Cozinha dos Homens: Um Estudo da Ponte Entre Alimentação e Religião⁴³”. Esses são apenas alguns exemplos que mostram a diversidade de temas e de modelos explicativos para o estudo dos hábitos alimentares que se desenvolveram com a criação do grupo de pesquisa na UFPR.

³⁹ PIFFAR, Giovanna. **A Polenta Como Forma de Expressão da Cultura Popular Italiana**. Curitiba, 2006. 91 f. Monografia (Graduação em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

⁴⁰ Ibidem, p. 6-7.

⁴¹ SILVA, Heloíse Peratello e. **A Negação da Carne: O Universo do Não Comer e a Idealização dos Hábitos Alimentares (1977 – 2006)**. Curitiba, 2008. 41 f. Monografia (Graduação em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

⁴² RIBEIRO, Cilene da Silva Gomes. **Tudo Pronto: O Comer Fora e o Prazer Reinventado – Curitiba (1970-2000)**. Curitiba, 2012. 260 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

⁴³ NADALINI, Ana Paula. **Comida de Santo na Cozinha dos Homens: Um Estudo da Ponte Entre Alimentação e Religião**. Curitiba, 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1.4 ALIMENTAÇÃO E ARTE

Como colocamos anteriormente citando Jean Paul Aron, a cozinha é única, pois passa da alimentação como necessidade para nossa sobrevivência até uma das mais requintadas formas de arte que é a gastronomia. No entanto, há outra forma de conexão entre alimentação e arte, essa se dá quando artistas de outros ramos dedicam suas habilidades e suas obras para tratar do tema da alimentação. Como a alimentação é uma parte essencial da vida do ser humano é natural que apareça muitas e muitas vezes nas artes, mas há algumas obras que dão a comida ou a assuntos a ela relacionados, um destaque especial. Desde a pintura passando pela literatura até o cinema, não cabe aqui fazermos uma compilação das principais obras que tratam da alimentação seja de forma subsidiária ou como elemento principal dos seus trabalhos, mas podemos selecionar alguns exemplos ilustrativos.

Nas histórias em quadrinhos de Asterix e Obelix escritas por Renè Goscinny e ilustradas por Albert Uderzo, a alimentação é um fator bastante importante. Além de definir uma característica muito importante do personagem Obelix (que é extremamente guloso e apaixonado por javalis), a comida é um fator de distinção nacional, enquanto os gauleses se alimentam de forma farta, porém simples, já a comida dos romanos é vista por eles como sofisticada e um tanto quanto asquerosa. No livro “O Escudo Arverno”, os autores debatem sobre os excessos alimentares, depois que o chefe da aldeia, Abracurcix tem uma crise hepática ao mesmo tempo em que satirizam a obsessão do mundo moderno com a alimentação saudável.

Outro exemplo é o filme “O Jantar” de 1998⁴⁴ dirigido por Ettore Scolla, em que um restaurante e os alimentos servidos são pano de fundo para acompanharmos a vida de vários fregueses, pode-se deduzir um pouco da personalidade dessas pessoas. Ainda no cinema outro exemplo recente é a animação da Pixar “Ratatouille”, de 2007⁴⁵ em que o rato Remy sonha em se tornar um *chef* de cozinha, mas deve combater as limitações inerentes a sua condição. Além disso, ao trazer a figura de outro *chef* que pretende transformar o premiado restaurante *Gusteau* em uma marca de comida congelada, o filme faz uma crítica muito espirituosa ao *fast food*.

⁴⁴ Informações retiradas do site IMDB. Disponível em:
<http://www.imdb.com/title/tt0140603/?ref=nm_knf_t2>

⁴⁵ Informações retiradas do site IMDB. Disponível em:
<http://www.imdb.com/title/tt0382932/?ref=nv_sr_1>

Na literatura também há um exemplo bem recente e de bastante sucesso trata-se do livro “A Morte do Gourmet”⁴⁶ (*Une Gourmandise*, no original), da escritora francesa Muriel Barbery. O livro narra as últimas horas de Pierre Arthens, o maior crítico gastronômico do mundo e sua obsessão em relembrar um sabor esquecido. O livro foi um tremendo sucesso editorial.

Esses são apenas alguns exemplos dispersos dessa fusão entre alimentação e arte mas serve para introduzirmos as fontes e objetos de estudo dessa monografia. O conto “A festa de Babette” escrito pela escritora dinamarquesa Karen Blixen e o filme homônimo dirigido por Gabriel Axel.

⁴⁶ BARBERY, Muriel. **A Morte do Gourmet**. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

2. A VIDA DE KAREN BLIXEN E A QUESTÃO BIOGRÁFICA

2.1 A BIOGRAFIA E A HISTÓRIA

Para que possamos analisar a fonte propriamente dita e sua relação com a História e Cultura da Alimentação, é necessário que primeiramente nos atenhamos a outros fatores “periféricos”, esses nos permitirão uma análise mais profunda e um olhar mais apurado do conto em si. A fonte histórica não é um documento simples de ser analisado e como sabemos, não entrega tudo pronto ao historiador, ainda mais no caso de uma obra literária em que há todo um processo de criação envolvido.

Assim sendo, é fundamental que se dedique tempo para a análise da vida do autor e o contexto de produção da obra, portanto, é justificável que a vida de Karen Blixen seja objeto de um estudo mais cuidadoso. No entanto, antes de analisarmos a vida de Karen propriamente dita, algumas considerações devem ser feitas sobre as biografias de um ponto de vista teórico.

Para tal, utilizaremos três autores; Pierre Bourdieu (1930 – 2002) que trata do tema em um artigo intitulado “A Ilusão Biográfica” (a tradução para o português está compilada no livro “Usos e Abusos da História Oral”, organizado por Janaina Amado Baptista de Ferreira e Marieta de Moraes). Nesse artigo Bourdieu faz uma crítica à biografia no seu formato tradicional, do senso comum. Em seguida passamos a Sabina Loriga, historiadora francesa, que também debate a questão da biografia em “A biografia como problema”, que é um capítulo do livro “Jogo de Escalas”, organizado pelo também historiador francês, Jacques Revel. Loriga procura traçar um panorama amplo da “história biográfica”, seus defensores e seus críticos e seus diferentes momentos na historiografia, de certa forma procura responder a alguns dos questionamentos propostos por Bourdieu. E, por fim, o artigo intitulado “Sidónio Muralha: Memórias Autobiográficas de um *Homem Arrastado*”, de autoria da professora Roseli Boschilia, orientadora desse projeto.

Começamos então com Bourdieu, que afirma que a biografia é uma noção que pertencia ao senso comum e que foi contrabandeada para o universo da ciência, primeiramente pelos etnólogos e posteriormente pelos sociólogos.⁴⁷

⁴⁷ BOURDIEU, Op. Cit. p. 183.

A biografia, para o senso comum, seria essa ideia de que a vida é uma história, concebida como a soma de acontecimentos de uma existência individual. Mais que isso, no senso comum a vida tem um sentido orientado, linear e unidirecional; a vida teria uma estreia, várias etapas e um fim. Esse fim teria um duplo sentido, tanto de finalidade (cumprir “um caminho”), quanto de término⁴⁸.

A biografia nada mais seria que o relato dessa soma de acontecimentos. Bourdieu afirma ainda que essa visão seria uma aceitação tácita da filosofia da história, em seu sentido de sucessão de acontecimentos históricos, uma *Histoire*, uma teoria do relato, realizada por um historiador ou romancista⁴⁹.

Dessa concepção de biografia, Bourdieu consegue extrair alguns pressupostos, o primeiro deles é que a vida constitui uma totalidade, um conjunto orientado por uma “intenção” subjetiva ou objetiva; a esse respeito o autor afirma:

Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo⁵⁰.

Bourdieu faz a ressalva que esse conjunto orientado não é necessariamente disposto de maneira cronológica. Tanto o investigado, quanto o investigador tem interesse em dar coerência, ou seja, preencher de sentido o relato, transformando-o em um conjunto inteligível de acontecimentos. Segundo o autor, há uma cumplicidade do biógrafo para que ocorra essa criação artificial de sentido.

Bourdieu coloca, com muita perspicácia, que um dos sustentáculos dessa criação artificial de sentido é o nome próprio. Para corroborar tal afirmação ele cita o trabalho do filósofo e linguista norte americano Saul Kripke⁵¹, em que Kripke coloca que: “o nome próprio designa o mesmo objeto em qualquer universo possível⁵²”. Voltaremos a essa noção, quando analisarmos o motivo da escolha do uso do pseudônimo Isak Dinesen, por Karen Blixen.

⁴⁸ Idem

⁴⁹ Ibidem. p. 184.

⁵⁰ Idem

⁵¹ Saul Kripke – filósofo e linguista norte-americano, nascido em 1940.

⁵² BOURDIEU, Op. Cit. p. 186.

Ele afirma ainda que curiosamente há uma correspondência cronológica entre o abandono do romance como relato linear, e o questionamento da ideia de vida dotada de sentido. Essa dupla ruptura é simbolizada pelo romance de William Faulkner: “O Som e a Fúria”, que por sua vez faz referência às palavras de Shakespeare ao fim de *Macbeth*: “É uma história contada por um idiota, uma história cheia de som e de fúria, mas desprovida de significado.⁵³”.

Essa maneira de pensar origina uma nova forma de interpretação dos acontecimentos da vida de uma pessoa, e de como relatá-los, isso não quer dizer que não podemos atribuir significados a uma sequência deles - acontecimentos. Quer dizer, porém, que devemos situá-los em relação ao espaço social no qual eles se realizam. Bourdieu sintetiza isso da seguinte maneira:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações* e *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado⁵⁴.

Em resumo, Bourdieu faz uma crítica bastante contundente a esse tipo de história biográfica, entendendo que as ciências sociais não poderiam adotar um modelo que é típico do senso comum, como vimos anteriormente.

Passamos para nossa segunda autora, Sabina Loriga, que sustenta que recentemente (a publicação original é de 1996), isto é, no final dos anos 1970 e início da década de 1980, houve uma mudança na maneira como os historiadores percebiam as biografias⁵⁵.

Ela coloca que essa mudança ocorreu em virtude de um olhar mais atento para categorias como “subjetividade” e “cotidiano”, que abarcam desde um maior desenvolvimento da história oral, até uma nascente história das mulheres. Loriga

⁵³ Ibidem. p. 186.

⁵⁴ Ibidem. p. 189 – 190.

⁵⁵ LORIGA, Op. Cit. 225.

sustenta que os historiadores anteriores acreditavam que para tratar das classes inferiores, dos oprimidos, isso teria que ser feito necessariamente sob um ponto de vista quantitativo e coletivista, de anonimato dessas pessoas pertencentes às classes subalternas.

Com o tempo, o foco deslocou-se das atividades políticas e econômicas desses grupos sociais para aspectos do seu cotidiano e os elementos subjetivos decorrentes deste⁵⁶. Em seguida, a autora explica por qual razão ocorreu essa mudança de olhar por parte dos historiadores e quais anseios eles estavam procurando atender. A principal motivação, segundo ela, seria o que Lawrence Stone⁵⁷ chamou de crise da “história científica”⁵⁸.

Essa crise seria reflexo de um desgaste de teorias da história “totalizantes”, que afetaram com diferentes graus de intensidade as seguintes teorias ou modelos: a) a interpretação marxista, b) o modelo estrutural e c) a análise eliométrica. Essas noções predeterminadas não satisfaziam mais os historiadores, que passaram a olhar mais e mais para o indivíduo⁵⁹.

No entanto, esse movimento não ocorreu sem controvérsias, muitos historiadores pensaram que esse passo em direção ao indivíduo era problemático, por uma série de razões. Temia-se o fim da “história-problema”, desenvolvida pelos *Annales*. Loriga cita o próprio Jacques Le Goff, um dos principais nomes dos *Annales*, criticando o que ele via como um “furor biográfico” (embora na época ele estivesse escrevendo uma biografia de São Luis), Le Goff afirma: “O que me desola na atual proliferação de biografias, é que muitas delas são uma volta pura e simples à biografia tradicional superficial, anedótica, puramente cronológica, que se sacrifica a uma psicologia ultrapassada, incapaz de mostrar a significação histórica geral de uma vida individual”⁶⁰.

As críticas mais fortes, contudo, não vieram de historiadores, mas sim de sociólogos. Pierre Bourdieu, como vimos anteriormente faz um crítica à ideia de biografia como algo pertencente ao território do senso comum, e não do mundo

⁵⁶ Ibidem. p. 226.

⁵⁷ Lawrence Stone (1919 – 1999), historiador inglês.

⁵⁸ LORIGA, Op. Cit. p. 226

⁵⁹ Idem

⁶⁰ Idem

acadêmico. Jean Claude Passeron, também sociólogo francês, da mesma maneira, entende que o deslumbre com a história biográfica pode significar um retrocesso⁶¹.

A partir disso Loriga formula uma maneira de encontrar respostas para esses questionamentos complexos. Para isso, ela analisa alguns predecessores antigos mas, principalmente três projetos biográficos, que ela afirma serem “fortes”, trata-se do herói de Thomas Carlyle, o homem patológico de Jacob Burckhardt e o homem partícula de Hippolyte Tayne; ela o faz para ao final de seu artigo responder algumas questões e levantar outras. Antes disso, ela sustenta que nos tempos recentes, mesmo os defensores da biografia a colocam num patamar de inferioridade, como um apêndice, um simples complemento⁶².

Após citar autores bastante antigos, como Tucídides e Plutarco, para ilustrar como é antiga a discussão da relação entre biografia e história, a autora passa ao século XIX. Um século em que a cisão entre biografia e história se acentuou ainda mais, isso é visível no trabalho de Immanuel Kant, que acreditava que as façanhas individuais que pareciam errôneas e sem sentido, ao serem observadas como parte do todo, passavam a se coadunar perfeitamente com a ideia de uma história que seria uma sequência coerente e homogênea de acontecimentos. A ideia de uma história providencial, que caminhava para um lugar predeterminado, rumo a um progresso constante (concepção muito em voga em boa parte do século XIX) também diminuiu a importância dos relatos biográficos, afinal, se tudo está predeterminado, o indivíduo teria pouquíssimo espaço nesse paradigma. Os positivistas foram os que mais sacrificaram a contingência e o valor do indivíduo⁶³.

Loriga, porém, faz questão de evidenciar que a maioria dos historiadores não aceitava passivamente essa exclusão do indivíduo e o desprezo pela biografia. Alguns autores que faziam parte desse grupo incluem: Leopold von Ranke, Barthold Niebuhr e Jules Michelet. Os autores que mais resistiram a essa corrente de pensamento teleológica foram os anglo-saxões, para quem a base da história são as ações

⁶¹ Ibidem. p. 227

⁶² Idem

⁶³ Ibidem. p. 230.

individuais⁶⁴, e Loriga cita Thomas Babington Macaulay e chega, finalmente, a Thomas Carlyle, o mais apaixonado defensor da chamada biografia heroica⁶⁵.

Carlyle não acreditava em cronologias, segundo ele, os fatos não se encadeavam numa sequência de acontecimentos, mas ocorriam simultaneamente. Esses acontecimentos simultâneos e todas as coisas que temos firmemente estabelecidas no mundo seriam fruto dos pensamentos e ações dos grandes homens⁶⁶.

O ponto em que Carlyle mais se distanciava dos positivistas e da ideia de “grande indivíduo histórico universal” de Hegel era que, na visão de Hegel, por exemplo, os grandes heróis como César ou Napoleão eram os arautos de uma vontade geral, parte do plano por assim dizer. Para Carlyle, os heróis eram seres conscientes e tinham uma intensa capacidade de discernimento, eram profetas da realidade⁶⁷.

A ideia do herói, celebrada por Carlyle não estava em consonância com o que boa parte dos romancistas do século XIX pensavam. Grandes escritores da época, entre eles Flaubert e Dostoiévski não achavam que um herói era uma personagem melhor ou mais interessante que um homem sofredor comum. Se a maioria dos historiadores não compartilhava desse ponto de vista, havia alguns que começavam a pensar de maneira mais assemelhada aos romancistas⁶⁸.

Entre esses, estava Jacob Burckhardt, que reconhecia a importância dos heróis e ironizava aqueles que acreditavam ter concebido modelos de história que não dependiam mais deles, mas ao mesmo tempo parecia pensar que esses heróis estavam no passado e que na época em que vivia não havia espaço para eles.

Burckhardt na verdade, discordava veementemente daqueles que viam a história como um processo teleológico e mais ainda dos que tinham uma visão otimista desse processo. Sabina Loriga coloca que para Burckhardt, assim como para Sören Kierkegaard⁶⁹ (também um notório pensador do século XIX), o centro permanente da história era o homem mortal e sofredor⁷⁰.

⁶⁴ Ibidem. p. 232.

⁶⁵ Ibidem. p. 234.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Ibidem. p. 236.

⁶⁸ Ibidem. p. 237.

⁶⁹ Sören Kierkegaard (1813 – 1855), teólogo dinamarquês.

⁷⁰ LORIGA, Op. Cit. p. 239.

Loriga procura respaldar isso analisando os escritos de Burckhardt sobre as obras de pintores renascentistas. Ao criticar a uniformidade dos anjos divididos simplesmente entre bons e maus, na obra “O Juízo Final” de Michelangelo, Burckhardt estaria fazendo uma apologia ao individualismo⁷¹.

Talvez o personagem mais interessante abordado por Sabina Loriga nesse curto artigo seja o historiador francês Hippolyte Taine, menos conhecido que Carlyle e Burckhardt, ele acreditava que a única história válida deveria basear-se na psicologia. Taine tinha uma visão bastante radical e um tanto quanto singular da história, Loriga o descreve da seguinte maneira:

O historiador “científico” admirado por Stefan Zweig não estava à procura de um herói, menos ainda de Prometeu. Ao contrário, era o indivíduo concreto que lhe interessava. Ele detestava o hábito que tinham tantos historiadores de transformar uma pessoa em missionária da providência ou em símbolo de uma civilização, e estava bastante decidido a ir procurar os homens em suas oficinas, seus escritórios, ao ar livre e à luz do sol, em sua terra e em suas casas. Convencido de que a história era um campo privilegiado para analisar a pessoa, procurava nela decifrar o homem que vive e age, com suas paixões, seus hábitos, sua voz e sua fisionomia, seus gestos e seus costumes, como o indivíduo com quem acabamos de cruzar na rua.⁷²

Taine procurava, portanto, estudar os homens nas suas mais particulares minúcias e sob diversos aspectos, no início do século XX, alguns pensadores resgatariam suas ideias, os chamados historiadores prosopógrafos, que procuravam estudar a história em suas minúcias e lutavam contra o que eles viam como imprecisões e indeterminações da metafísica⁷³.

Loriga finaliza seu artigo fazendo um balanço do que resultou, não apenas do legado desses três autores nos quais se aprofundou, mas de toda essa antiga tensão entre biografia e história, ou entre estruturas totalizantes e abordagens que consideram sim, o indivíduo como importante para a escrita da história.

Ela começa afirmando que o grande herói de Carlyle está quase morto e que o foco no indivíduo dado pelos historiadores do século XX não está nos grandes

⁷¹ Idem.

⁷² Ibidem. p. 241.

⁷³ Ibidem. p. 243.

personagens, no herói, e sim no homem patológico de Burckhardt. Como exemplo é citado o célebre historiador britânico Edward Palmer Thompson que, ao se afastar do marxismo ortodoxo e do estruturalismo, deu voz aos “vencidos da história”, não apenas como grupo social, mas também como indivíduos⁷⁴. No entanto, essa “democratização” ainda se mostra deficiente sob o aspecto da profundidade com que se abordam os indivíduos, muito oportunamente a autora cita Virginia Woolf, que caçoava dos biógrafos por retratarem “seis ou sete eus”, enquanto um indivíduo tinha milhares deles.

Loriga afirma que a maioria dos historiadores ainda tem uma “concepção pré-psicanalítica ou mesmo pré-dostoievskiana” do indivíduo e que nesses casos o sujeito nada mais é do que um peão num tabuleiro de xadrez. A respeito das críticas de Bourdieu que abordamos anteriormente, ela concorda com ele que buscar extrair sentido de uma cadeia de acontecimentos subsequentes é de uma grande ingenuidade. Por outro lado, ela discorda de Bourdieu quanto à comparação entre literatura e história, afirmando que o “caso pessoal” não tem a mesma função no romance e na história⁷⁵.

Por fim, a observação da autora que acredito sintetizar seu artigo e que ao mesmo tempo se alinha com o nosso caso nessa monografia, a escritora Karen Blixen, é a seguinte:

Enquanto a biografia heroica coloca como óbvia uma harmonia entre o particular e o geral (e, poder-se-ia dizer, uma simples extensão como na sinédoque), a biografia coral concebe o singular como um elemento de tensão: o indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado.⁷⁶

Na medida do possível, nossa intenção nesse trabalho seria realizar uma microscópica tentativa do que a autora chama de “biografia coral”, para que possamos estabelecer pontos importantes sobre a vida da autora, porém sem perder essa ideia de diversidade de vista.

Após essa discussão sobre a escrita de uma biografia, penso que também nos é útil uma reflexão sobre aquele que escreve sobre si. Nossa autora em questão, Karen Blixen, não escreveu nenhuma autobiografia completa, apesar disso muitas das

⁷⁴ Ibidem. p. 244.

⁷⁵ Ibidem. p. 246.

⁷⁶ Ibidem. p. 249.

informações que temos sobre ela foram reunidas através de cartas, nas quais ela escrevia muito sobre sua própria vida e a maneira como se enxergava. Várias informações valiosas podem ser extraídas dessas cartas. E como veremos mais adiante, a própria obra literária de um autor pode indicar muito sobre sua vida.

No artigo “Sidónio Muralha: Memórias Autobiográficas de um Homem Arrastado”, Roseli Boschilia⁷⁷, orientadora desse projeto nos trás uma reflexão sobre o assunto. O artigo trata da experiência como imigrante do escritor português Sidónio Muralha, que devido à ditadura salazarista teve que abandonar Portugal e vir ao Brasil, as fontes utilizadas e problematizadas são os escritos autobiográficos de Sidónio.

A autora coloca em seu artigo que embora a prática da escrita de si mesmo seja muito mais antiga, é na sociedade oitocentista que a escrita toma de vez o lugar da oralidade, muito por conta dos ideais de progresso e cientificismo em voga na época⁷⁸. Vários foram os escritores que se aventuraram pelo gênero como: Edward Gibbon, Goethe, Stendhal, José de Alencar e Joaquim Nabuco, apenas para citar alguns exemplos⁷⁹.

No que, afinal consistiria esse gênero autobiográfico? Boschilia cita Gustave Vapereau, que em sua obra *Dictionnaire Universal des Litteratures*, defendia que a autobiografia poderia ser qualquer texto, um romance, um poema, um tratado filosófico, em que o autor teve a intenção secreta ou confessa, de expressar seus sentimentos ou pensamentos⁸⁰.

Essa ideia é muito importante, pois justifica toda essa análise do gênero biográfico e autobiográfico que fizemos neste capítulo. O biográfico, pois é extremamente relevante sabermos como outras pessoas interpretaram e escreveram sobre a vida de Karen Blixen. O Autobiográfico, pois nesse trabalho partimos da premissa de que no conto “A Festa de Babette”, Blixen expressa vários desses sentimentos e pensamentos aos quais Gustave Vapereau faz referência. Por fim, Boschilia cita o historiador francês Philippe Artières, que afirma que ao narrar a própria

⁷⁷ Professora do DEHIS/UFPR – Pós Doutora em História pela Universidade do Porto (2012).

⁷⁸ BOSCHILIA, Op. Cit. p. 3.

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ Ibidem. p. 4.

vida, o autor faz determinadas escolhas que ordenadas nos permitem ver o sentido que ele desejou dar a sua própria existência⁸¹.

2.2 A VIDA DE KAREN BLIXEN

Após essa discussão sobre a escrita da vida e todas as suas implicações, faremos aqui um breve apanhado sobre a vida de nossa autora; Karen Blixen. Karen teve uma vida extremamente interessante e atribulada e poderíamos escrever páginas e mais páginas sobre ela, tratando de diversos assuntos. Para nossos objetivos nesse trabalho, faremos um apanhado geral, para que o leitor consiga enxergar a autora dentro de seu contexto específico e focaremos em alguns elementos importantes para nossa análise posterior sob o ponto de vista da História e Cultura da Alimentação.

Há apenas uma biografia de Karen Blixen lançada no Brasil, trata-se da obra da escritora norte-americana Judith Thurman. O título da sua obra é “A vida de Isak Dinesen (Karen Blixen)”. Thurman é colunista permanente da revista *New Yorker* e autora de diversas biografias de não ficção, por essa obra sobre a vida de Karen Blixen ela venceu o *National Book Award for Non Fiction* de 1983⁸². O livro serviria de base para o filme “Entre Dois Amores” de 1985 (*Out of Africa* no original), dirigido por Sydney Pollack e estrelado por Meryl Streep e Robert Redford, vencedor de sete Oscars⁸³. O filme retrata de forma romantizada o período em que Karen viveu na África, mas o livro vai muito além disso. A obra foi lançada nos Estados Unidos em 1982 e em 1985 (provavelmente impulsionado pelo sucesso do filme, lançado no mesmo ano) foi traduzida para o português e lançado no Brasil pela Editora Record.

Outra fonte utilizada para obter informações sobre a vida de Karen Blixen é o web site; <http://blixen.dk/en/>. Trata-se do site oficial do museu dedicado exclusivamente a Karen Blixen, em sua terra natal, a Dinamarca. O site possui versões em inglês, alemão e dinamarquês e é dividido em seis seções principais: 1) Visite o Museu, 2) Salas e a História do prédio, 3) Jardim e Santuário dos Pássaros, 4) Vida e Escritos, 5) Café e Loja e 6) O Museu. Na seção quatro, que trata da vida e dos escritos

⁸¹ Ibidem. p. 5.

⁸² Informações retiradas do site: < http://www.goodreads.com/author/show/14851.Judith_Thurman> . Acesso em 17/04/2014.

⁸³ Informações retiradas do site: < http://www.imdb.com/title/tt0089755/?ref=fn_al_tt_1> . Acesso em 17/04/2014.

de Karen há uma subseção dedicada à vida da autora e essa é dividida em mais sete itens: 1) Infância e Adolescência, 2) Karen Blixen na África, 3) Cronologia, 4) Biografias, 5) As cartas de Karen Blixen, 6) Árvore Genealógica e 7) O Museu de Karen Blixen em Nairóbi.

O site é extremamente útil, pois além de ser uma fonte de informações ágeis, é frequentemente atualizado e pertence a “Rungstedlund Foundation”, Rungstedlund é o nome da propriedade onde fica o museu, boa parte dessa propriedade era a casa da própria Karen Blixen. O museu foi em parte construído e ainda é mantido com o dinheiro proveniente das vendas das obras de Blixen. Apesar de não oferecer informações tão detalhadas quanto o livro de Judith Thurman, o site é mais atualizado e oferece conteúdo mais condensado. Utilizaremos ambos na construção de uma biografia muitíssimo resumida, que acredito, será útil aos nossos propósitos.

Karen Christentze Dinesen nasceu em 17 de Abril de 1885, a família a chamava de “Tanne”. Ela era filha de Adolph Wilhelm Dinesen e Ingeborg Westenholz, ela era a segunda de cinco irmãos, sua irmã mais velha se chamava Inger e a mais nova Ellen, depois vieram os dois meninos Thomas e Anders. Judith Thurman coloca que as duas famílias tinham visões de mundo e pertenciam a lugares muito diferentes (embora não opostos) na sociedade dinamarquesa da época e isso teria muita influência sobre Karen. A família de sua mãe, os Westenholz, eram típicos burgueses, comerciantes que haviam feito fortuna graças a seu próprio esforço e adotavam, de maneira geral, um comportamento pautado na honestidade e frugalidade. Eram membros da Igreja Unitarista (uma vertente do protestantismo que acredita que existe unidade absoluta em Deus e que consideram a Bíblia como única fonte de fé e de prática dela⁸⁴). Suas vidas eram dedicadas a um projeto de perfeição moral. De certa forma eram urbanos e intelectuais, as mulheres valorizavam e lutavam por sua independência⁸⁵.

Já a família de seu pai, era muito mais aristocrática, eram primos do maior nobre do reino, gente do campo e não se sentiam oprimidos por obrigações morais. Nas palavras da própria Karen, eram pessoas que tinham uma “enorme e selvagem alegria de viver”⁸⁶. Quando criança Karen se sentia muito mais próxima do pai do que da mãe e, posteriormente, ela afirmaria que não era como seus parentes maternos. Embora

⁸⁴ Informações retiradas do site: <http://www.unitarismobiblico.com>. Acesso em: 18/04/2014.

⁸⁵ THURMAN, Op. Cit. p. 20.

⁸⁶ Ibidem. p. 21.

parecesse ter herdado do lado materno, uma grande e ferrenha autodisciplina⁸⁷. Com a idade de oito anos Karen já escrevia diversos contos de fadas e também algumas peças de teatro⁸⁸.

Com apenas dez anos, no entanto, ocorreu uma grande tragédia na família, seu pai se suicidou. Karen, como era de se esperar, ficou extremamente perturbada com isso, justamente porque era mais próxima do pai e o considerava muito mais alegre do que sua mãe. Não há uma explicação oficial do motivo pelo qual Adolph Dinesen, então com cinquenta anos, decidiu tirar a própria vida, embora houvessem boatos que ele havia contraído uma doença e que havia tido algumas derrotas políticas no parlamento (para o qual tinha sido eleito em 1892). Karen, em uma entrevista de 1959, afirmou que a família de seu pai era composta de pessoas entusiasmadas, embora “não soubessem viver” e “esperassem demais da vida” e que estariam “condenados desde o começo”⁸⁹.

Além do choque, isso significou para Karen que não havia mais o contrapeso à religiosidade extrema e fortes regras morais da família de sua mãe, que foi o traço mais marcante do resto de sua infância e adolescência. Em 1907 Karen publica alguns contos sob o pseudônimo de “Osceola” (que era o nome de um pastor alemão da família), mas não atrai nenhuma atenção especial e se desencoraja da escrita por falta de apoio, as tias insistem que ela dedique mais tempo à igreja. Ela passa a viver com a elite da sociedade dinamarquesa e sueca do período e segundo Judith Thurman, o final da adolescência não poderia ser mais diferente do que Karen havia experimentado até então; “Faziam corridas de cavalo, jogavam bridge e golfe, bebiam uísque, dançavam ao som do gramofone, davam bailes de máscaras, caçavam grandes bandos de pequenos pássaros, compravam aviões e carros com todos os acessórios e faziam amor com um cinismo e uma pose que teriam deixados atônitos os pais vitorianos, se soubessem.”⁹⁰. Um pouco mais tarde ela se apaixona perdidamente pelo sueco Hans Blixen-Finecke, que era seu primo em segundo grau, no entanto, o amor não é correspondido, ela se casa então com o irmão gêmeo de Hans, Bror Blixen-Finecke.

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Ver anexo 04. p. 58.

⁸⁹ Extraído de <http://blixen.dk/en/life-and-writings/karen-blixens-life/childhood-and-youth/> : “My father’s family were engaging people, but they were not skilled at living. They were doomed in advance, as we say, from the beginning. They were highly gifted, but they expected too much from life.”

⁹⁰ THURMAN, Op. Cit. p. 107.

A partir daí se inicia a grande aventura da vida de Karen, em 1914 ela e Bror mudam-se para o que hoje é o Quênia, então ainda um território britânico, através dos contatos de sua família (e financiado pela fortuna da esposa), Bror compra “M’Baghati”, uma fazenda de café, que passa a administrar.

A vida de Karen na África mereceria uma biografia a parte (como mereceu um filme)⁹¹, para nossos objetivos neste trabalho, basta dizer que foi um período bastante turbulento, além da experiência marcante de morar na África se inicia a Primeira Guerra Mundial, na qual seu irmão Thomas combate. A relação de Karen com os nativos do continente merece destaque, ela, ao contrário da maioria dos seus pares, não os via como inferiores, gostava deles e aprendeu muito de sua cultura⁹².

Bror era um péssimo administrador, era também um homem com um apetite sexual insaciável e após apenas um ano na África, Karen é diagnosticada com sífilis que contraiu do marido e é obrigada a voltar para a Dinamarca, onde passa três meses hospitalizada, a doença nunca foi totalmente curada e ela sofreu com seus efeitos até o final da vida. Ela também teve um envolvimento amoroso com o britânico Denis Finch Hatton, que a marcaria profundamente.

A partir daí inicia-se um período de idas e vindas do continente africano. Em 1921 Karen e Bror se divorciam oficialmente, em 1931 ela visita a fazenda de café com seu irmão Thomas que conclui que após muitos anos de crise financeira, não há mais como salvar a fazenda e decide que o melhor é vendê-la. De volta à Dinamarca, ela inicia “de vez” sua carreira literária.

Após algumas recusas de editoras, ela consegue publicar “Sete Contos Góticos” em 1934, a publicação ocorre nos Estados Unidos e é escrita originalmente em inglês, ela também escolhe publicar sob o pseudônimo de Isak Dinesen (abordaremos essa escolha posteriormente). A partir disso sua carreira literária é um estrondoso sucesso, sua obra é muito bem pela crítica especializada e ela se torna uma espécie de “celebridade literária”. Até o final de sua vida ela segue publicando, embora sofresse cada vez mais com problemas de saúde, algumas decorrências da sífilis, um grave problema na coluna e no estômago.

⁹¹ Ver anexo 05. p. 59.

⁹² Extraído de: <http://blixen.dk/en/life-and-writings/the-works-of-karen-blixen/out-of-africa/>. “Karen Blixen’s descriptions of the indigenous peoples of Africa are rooted in her great love of and, for the era, amazing appreciation of and respect for African culture.”

Karen Blixen morre em 1962, aos 77 anos em sua casa em Rungestdlund (que ainda em vida ela transformou em uma fundação, que hoje abriga o museu dedicado a sua vida e obra). A causa oficial da morte é subnutrição, pois há muito tempo ela tinha dificuldade em comer qualquer coisa e chegou a pesar apenas trinta e cinco quilos⁹³.

2.3 O USO DO PSEUDÔNIMO ISAK DINESEN

Antes de analisarmos o conto “A Festa de Babette”, penso que seja interessante discutir mais um aspecto da vida e obra de Karen Blixen; a sua escolha por publicar sempre sob o pseudônimo de Isak Dinesen. O uso de pseudônimos na literatura é muito antigo, embora as razões pelas quais os escritores preferem esconder seus nomes verdadeiros sejam muito diferentes.

Bourdieu em texto já citado anteriormente, “A Ilusão Biográfica”, chama a atenção para o poder do nome próprio. Uma vez que esse é extremamente singular, ele é determinista em relação à identidade da pessoa, garante a identidade social e biológica onde quer que ela vá, é um “ponto fixo num mundo que se move⁹⁴”. Dessa maneira o pseudônimo seria não apenas uma forma de esconder sua identidade, mas também de construir uma nova, livrando-se de amarras impostas pelo nome original.

Uma reportagem da versão em português do site alemão de notícias *Deutsche Welle*, chama a atenção para alguns casos curiosos, devido a recente revelação de que a famosa escritora Joanne Kathleen Rowling, autora da mundialmente celebrada série Harry Potter, havia lançado sua mais recente obra, um romance policial, sob o pseudônimo masculino de Robert Galbraith, atraiu a atenção da publicação para o uso de pseudônimos. Embora nesse caso a escolha de Rowling tenha sido, provavelmente, motivada para se livrar dos estigmas e das expectativas que cercam o lançamento de um novo livro por alguém que obteve tanto sucesso anteriormente. Mas a própria reportagem chama a atenção para o fato de que quando publicou Harry Potter pela primeira vez, apenas as iniciais “J.K” estavam presentes na capa do livro, os editores acreditavam que meninos não comprariam um livro escrito por uma mulher.

⁹³ Todos os dados gerais de sua biografia foram extraídos do site <http://blixen.dk/en/>. Das seções: “Life & Writings”, “Karen Blixen’s Life” e “The Works of Karen Blixen”.

⁹⁴ BOURDIEU, Op. Cit. p. 186.

A reportagem lembra ainda, diversos casos de mulheres que publicaram sob pseudônimos masculinos para escapar do machismo, afinal, ainda no século XX existiam vários países que proibiam que mulheres publicassem livros sem a autorização de seus maridos. Casos famosos são de George Sand e George Eliot, que na verdade se chamavam Amandine Aurore Lucile Dupin e Mary Anne Evans respectivamente⁹⁵.

Não é nossa intenção entrar num debate de gênero mais amplo nessa monografia, até porque a relação entre mulheres e literatura é bastante complexa e motiva grandes obras, teses e dissertações. No entanto, é possível fazer algumas inferências da decisão de Karen Blixen de publicar sob o nome de Isak Dinesen.

Em um artigo intitulado “O Fazer Histórico e a Invisibilidade da Mulher”, o historiador Losandro Antônio Tedeschi⁹⁶, sustenta que esse cerco contra as produções artísticas e/ou acadêmicas das mulheres tem raízes muito antigas, desde Aristóteles, passando por Rousseau e chegando até a contemporaneidade, ele cita Michele Perrot para sintetizar o pensamento que nos levou a isso, e exemplificar como este é contraditório:

Paradoxalmente, como observou Michele Perrot (1998), cabe à mulher, definida como “naturalmente” dotada de características voltada aos cuidados (carinho, amor, preocupação pelos outros), a responsabilidade de desenvolver esse ser racional, lógico, científico – o homem, naturalmente – através do processo de escolarização. O sujeito pensante, racional, é masculino. A mulher é apenas o seu outro, o “outro” da razão. A educação institucionalizada através da história atribui à mulher esse papel contraditório: o de produzir o homem racional a partir de sua suposta – feminina – irracionalidade.⁹⁷

No caso de Karen Blixen, não há nenhuma declaração ou confirmação sobre o porquê da escolha do pseudônimo de Isak Dinesen, no entanto, a autora da sua biografia Judith Thurman dedica um espaço para isso e coloca algumas hipóteses. A ideia de um nome masculino, certamente lhe foi bastante útil, num mercado editorial que como colocado acima, ainda resistia ou pelo menos dificultava as publicações de mulheres.

⁹⁵ Reportagem disponível em: <http://www.dw.de/uso-de-pseud%C3%B4nimos-por-escritores-tem-longa-tradi%C3%A7%C3%A3o-e-v%C3%A1rios-motivos/a-17004640>. Acesso em: 26/04/2014.

⁹⁶ Doutor em História pela UNISINOS, membro da REPEM (Rede Educación popular entre Mujeres em la América Latina)

⁹⁷ TEDESCHI, Losandro Antonio. O Fazer Histórico e a Invisibilidade da Mulher. **OPSIS**, Goiânia, v.7, n. 9. P. 329-339, jul/dez. 2007.

Karen sempre usou pseudônimos, publicou suas primeiras histórias na infância sob o nome de “Osceola”, uma amiga de infância a chamava de “Lord Byron”, pois também assinava assim ocasionalmente. Mas foi Isak Dinesen o nome que adotou permanentemente para suas publicações mais importantes. A escolha do sobrenome do pai, segundo Thurman, expressa a tradição da qual a menina acreditava ser herdeira, dos valores que ela mesma atribuía à família de seu pai, do pertencimento a um típico *stamme* (tribo) dinamarquês. A etimologia do nome “Isak” também é reveladora, significa “aquele que ri”⁹⁸. Podemos apenas conjecturar sobre os motivos que levaram Karen a adotar o nome Isak Dinesen, mas o provável é que seja uma soma desses três fatores; o sentimento de pertencimento à família do pai, sua condição de mulher naquele contexto específico e o escapismo que uma nova identidade oferece.

Com esses elementos biográficos da autora, reafirmamos o que coloca Sabina Loriga quando diz que é impossível captar os infinitos “eus” de uma pessoa e que, como afirma Pierre Bourdieu, o biógrafo sempre tenta construir um sentido para a vida da pessoa, que muitas vezes existe apenas na cabeça do biógrafo. Feitas essas ressalvas, penso que podemos avançar para a análise do conto propriamente dito no terceiro capítulo desta monografia.

⁹⁸ THURMAN, Op. Cit. p. 19.

3. ANÁLISE DO CONTO – A FESTA DE BABETTE

Como colocado anteriormente, nesse último capítulo faremos a análise do conto “A Festa de Babette”, a partir de quatro subtemas; cada um representando um aspecto do conto, religiosidade, família, pertencimento e, claro, alimentação. Embora essa divisão nos ajude metodologicamente a analisar a obra, é necessário ressaltar que esses elementos estão naturalmente relacionados e imbricados um com o outro, tanto na obra, quanto na vida de Karen.

O conto é bastante curto, trabalharemos com uma versão bem recente, traduzida por Cassio Arantes Leite e publicada pela editora Cosac Naify portátil em 2006. Nessa versão o conto ocupa quarenta e oito páginas, em uma versão que se não fosse portátil ocuparia menos ainda. Há ainda nessa edição uma compilação de outros livros, sites e fontes que o leitor pode utilizar se quiser obter mais informações sobre a autora e suas obras. Foi nessa relação que encontrei o website <http://blixen.dk/en/>. A editora também publicou outras três obras da autora; “Sete Contos Góticos”, “A Fazenda Africana” e “Anedotas do Destino”.

Antes de iniciarmos, há uma observação importante quanto ao local onde se passa o conto. Bervelaag é o nome do vilarejo norueguês onde a narrativa se desenrola e é bastante semelhante ao local onde ficava a propriedade de sua família denominada Rungstedlund. Judith Thurman coloca que a ligação de Karen com o mar era bastante intensa e que por viver a apenas cem metros dele aquilo fosse algo com que ocupasse bastante sua imaginação. Nas suas próprias palavras ela, quando menina sempre visualizava sua vida em termos de um empreendimento marítimo.⁹⁹

Uma última observação importante que deve ser feita antes de adentrarmos na análise do conto, diz respeito ao nome do mesmo e sua tradução para o português. O conto foi publicado originalmente em inglês, numa revista norte-americana (*Ladies' Home Journal*) e seu título original é *Babettes' Feast*, a palavra *Feast* do inglês é geralmente traduzida como “Banquete”. A primeira tradução do conto para o português foi feita em 1980 e publicada pela editora “Círculo do Livro” e já traz a palavra “Festa”, que também é uma tradução possível de *Feast*, mas que não acredito ser a mais apropriada nesse contexto.

⁹⁹ Ibidem. p. 38.

3.1 RELIGIOSIDADE, FAMÍLIA E PERTENCIMENTO

Todo o conto é envolvido pela religiosidade do vilarejo de Berlevaag. O deão, pai das irmãs Martine e Philippa é um homem extremamente religioso, fundador de sua própria seita e um disciplinador rígido. A vida das duas irmãs e dos seguidores do deão no vilarejo é descrita da seguinte forma por Karen Blixen:

Há sessenta e cinco anos, duas senhoras idosas moravam em uma das casas amarelas. Outras mulheres dessa época usavam anquinhas e as duas irmãs poderiam tê-la usado com tanta graça quanto qualquer uma delas, pois eram altas e esbeltas. Mas jamais possuíam artigo algum da moda; haviam se vestido com recato em cinza ou preto por toda a vida. Seus nomes de batismo eram Martine e Philippa, em homenagem a Martinho Lutero e seu amigo Philipp Melanchton. O pai delas fora deão e profeta, fundador de algum grupo ou seita eclesiástica devota, conhecida em toda a Noruega. Seus membros renunciavam aos prazeres deste mundo, pois a terra e tudo que continha para eles não constituíam senão um tipo de ilusão, e a verdadeira realidade era a Nova Jerusalém à qual aspiravam. Jamais praguejavam, sua comunicação se dava com *sim sim* e *não não* e tratavam-se uns aos outros por irmão e irmã.¹⁰⁰

Martine e Philippa seguem os preceitos ensinados por seu pai durante toda a vida e mantém a memória do deão viva, pois depois de sua morte o número de seguidores da seita apenas diminuiu. Essa religiosidade bastante austera não era estranha à Karen Blixen, como colocamos no segundo capítulo deste trabalho, sua família materna era extremamente religiosa. É significativo que, assim como a seita criada pelo deão, o unitarismo bíblico que sua família seguia não pertencia às derivações mais tradicionais do protestantismo.

Principalmente após o suicídio do pai, Karen teve um contato cada vez maior com a religiosidade da família de sua mãe. A figura mais representativa dessa austeridade moral era sua tia Bess. Bess era a irmã mais nova de sua mãe, Ingeborg e após a morte de Wilhelm, pai de Karen, assumiu para si a missão de educar a menina. Segundo Judith Thurman, Bess até incentivava os talentos artísticos da jovem Tanne (apelido de infância de Karen), mas devido a sua própria situação de solteirona, ela abominava os homens e em tudo enxergava pecado¹⁰¹. Thurman afirma que uma personagem do conto “As pérolas”, que faz parte da coletânea *Winter Tales* (Contos de

¹⁰⁰ BLIXEN, Karen. **A Festa de Babette**. São Paulo: Cosac Naify portátil, 2006. p. 8.

¹⁰¹ THURMAN, Op.Cit. p. 39.

Inverno, sem edição em português), é um retrato fiel da maneira como Karen enxergava sua tia Bess:

Era de natureza enérgica, há muito tempo tinha resolvido viver para os outros e se atribuíra o papel de consciência da família. Mas na verdade ela era, sem esperanças ou temores próprios, uma vigorosa velha parasita moral de todo o clã, especialmente de seus jovens membros¹⁰².

Embora já no final da adolescência Karen tenha conseguido se libertar das amarras da vida religiosa que sua tia tentava lhe impor, essa experiência foi bastante marcante para ela. Em diversas obras suas temos referências a pessoas oprimidas em um sistema religioso no qual não se sentem a vontade. Judith Thurman afirma que um artifício usado algumas vezes nas obras de Karen era o de inverter o gênero das pessoas presentes em sua vida que desejava retratar em sua obra. Dessa maneira, podemos supor que o deão é baseado em sua tia Bess, uma pessoa que amava sua família, mas que tentava controlar a todos e encaixá-los numa moralidade cristã que pensava ser o modo correto de viver.

Ainda no que diz respeito à religiosidade na obra, é muito interessante observar que, embora a religião e as imposições da família materna tenham causado grande sofrimento a Karen, ela não abominava a religião dos familiares ou qualquer outro tipo de vida espiritual, pelo contrário, o fantástico e o sobrenatural se fizeram presentes em muitas de suas obras. Em “A Festa de Babette” podemos observar isso através de outra característica marcante da obra; o humor. Como, por exemplo, no caso em que o velho deão se encontra pela primeira vez com o cantor de ópera parisiense Achille Papin, quando este, encantado com a voz Philippa, vai atrás da aprovação do pastor para dar aulas de canto à moça: “Em determinado momento cometeu um deslize, pois quando o deão perguntou se era um católico romano, respondeu segundo a verdade, e o velho clérigo que jamais vira um católico romano, ficou um tanto pálido.”¹⁰³

Devemos observar que Wilhelm, o pai de Karen não compactuava com a forte religiosidade da família de sua esposa. Judith Thurman o cita em uma carta que escreve explicitando tal ponto de vista:

¹⁰² Ibidem. p. 40.

¹⁰³ BLIXEN, Karen. **A Festa de Babette**. São Paulo: Cosac Naify portátil, 2006. p. 14

A respeito de religião, Wilhelm escreve para a noiva, Ingeborg Westenholz: “Eu mesmo... sou talvez muitas vezes mais livre pensador em matéria de religião do que você. Tenho visto tantos e tão estranhos ritos religiosos, que quase todas as religiões me parecem absurdas, loucas, idiotas, às vezes abomináveis...” Mas termina a carta dizendo que, no que dizia respeito a seus futuros filhos, o batismo e o ensino religioso seria “decisão da mãe deles”.¹⁰⁴

Isso nos leva a outro aspecto bastante relevante da vida de Karen Blixen que era seu sentimento exacerbado de pertencimento à família paterna, um indicador bastante importante disso é a escolha do sobrenome do pai para seu pseudônimo, Isak Dinesen. Mas há outros elementos que sugerem isso e a própria Blixen algumas vezes manifestou publicamente esse sentimento. Sendo assim há alguns indícios também no conto “A Festa de Babette” que sugerem isso.

Quando seu pai Wilhelm comete suicídio, ela tinha apenas dez anos de idade, além do choque natural pela perda do pai (do qual já era bastante próxima) ela ficou, como já abordamos, entregue aos seus parentes maternos e principalmente a sua disciplinadora tia Bess.

Há uma contradição quanto ao suicídio de Wilhelm ou pelo menos na maneira como Karen o enxergava. No capítulo anterior vimos que Karen descreve a aristocrática família do pai como tendo uma “selvagem alegria de viver”. De fato, como nos conta Judith Thurman, Wilhelm se dedicava de forma bastante intensa ao que ela chama de “uma vida de prazeres masculinos”, participava da vida política dinamarquesa, fazia excursões de caça com os amigos e segundo tia Bess, “vivia como um filisteu”¹⁰⁵.

Parece, portanto, estranho que um homem assim tenha cometido suicídio tão jovem. Talvez a pista esteja em outro seguimento que já citamos anteriormente, em que Karen descreve a família do pai como “entusiástica, mas que não sabia viver” “e condenada desde o princípio, por esperar muito da vida”¹⁰⁶

Talvez possamos interpretar isso como um sinal de que a vitalidade de Wilhelm era demasiada para a vida algo “burguesa” que levava, casado com uma mulher muito

¹⁰⁴ THURMAN, Op.Cit. p. 30.

¹⁰⁵ Ibidem. p. 39.

¹⁰⁶ Extraído de <http://blixen.dk/en/life-and-writings/karen-blixens-life/childhood-and-youth/> :“My father’s family were engaging people, but they were not skilled at living. They were doomed in advance, as we say, from the beginning. They were highly gifted, but they expected too much from life.”

religiosa, pai de cinco filhos e vivendo afastado dos centros mais importantes da época. Logicamente, isso são apenas suposições, sendo obviamente impossível sabermos as exatas razões que levaram Wilhelm ao suicídio.

Karen tinha, portanto, uma predileção por esse “espírito livre” de sua família paterna, não por serem aristocratas, mas pela maneira como encaravam a vida, em oposição à família mais burguesa e convencional de sua mãe. Em “A Fazenda Africana”, Karen escreve “A verdadeira aristocracia e o verdadeiro proletariado desse mundo, ambos compreendem a tragédia. Para eles esse é o princípio fundamental de Deus e chave para a existência. Nisso eles se diferenciam da burguesia, que nega a tragédia, que não a tolera e para quem essa tragédia do mundo significa um incômodo”.¹⁰⁷

Desde criança Karen mostrava desconforto em ser considerada igual aos outros, mesmo que fossem seus irmão e irmãs, segundo Judith Thurman a pequena Tanne “achava idiota e irritante a escrupulosa igualdade da infância. Tinha uma confiança precoce na própria singularidade”.¹⁰⁸

O sentimento de pertencimento à família do pai, assim como sua aversão pelo caráter burguês da família de Ingeborg, foram, aparentemente, construídas desde muito cedo, talvez por essa percepção de que era diferente e não queria ser comparada ou colocada no mesmo nível dos demais irmãos, esses sentimentos podem ser sintetizados em um trecho da sua biografia em que Judith Thurman expõe sua relação com o pai, podemos também, inferir a partir disso, o quanto a morte dele deve ter sido devastadora para a jovem Karen;

Tanne também se definia em oposição aos plebeus do seu ambiente. Ela e o pai formavam a aristocracia de seu ambiente. E seu maior orgulho consistia no fato de pertencer a ele e não a “eles”. A Sra. Westenholtz aparentemente tentava equilibrar a balança, jogando seu formidável peso para o outro lado, o que deve ter contribuído para a ideia de Tanne de que “minha avó não gostava de mim. Gostava mais das minhas irmãs.” Mas enquanto Wilhelm viveu, isso não teve importância. Ele a

¹⁰⁷ Extraído de: < http://www.e-reading.ws/chapter.php/79545/17/Bliexen_-_Out_of_Africa.html>. “The true aristocracy and the true proletariat of the world are both in understanding with tragedy. To them it is the fundamental principle of God, and the key, the minor key, to existence. They differ in this way from the bourgeoisie of all classes, who deny tragedy, who will not tolerate it, and to whom the word tragedy means in itself unpleasantness.”

¹⁰⁸ THURMAN, Op. Cit. p. 41.

resgatara da autoridade da avó e da tia Bess. Deu-lhe uma amostra da vida masculina, desinibida e sensual, que era uma alternativa para o limitado mundo das mulheres, com seus perigos éticos e sua autonegação. Acima de tudo, deu-lhe a ideia da própria força erótica que era, inicialmente, exagerada. Entre todas as mulheres da casa – incluindo as irmãs e até a mãe – Wilhelm a havia escolhido, ou pelo menos era o que Tanne pensava. Esse foi o privilégio decisivo de sua vida, e talvez também, sua fatal distorção. Sozinha nos bosques com o pai, era como se estivessem isolados no mundo. Constituiu o seu tempo antes da queda.¹⁰⁹

Um dos personagens mais interessantes do conto é o general Lorens Lowenhielm, membro de uma aristocracia Lorens tinha dificuldade de encontrar motivações mais concretas até que seu pai, cansado de seus hábitos devassos o encaminhe para a casa da tia devota em Fossum, perto de Berlevaag, onde ele encontra Martine, no conto o jovem general é descrito da seguinte maneira:

Havia um jovem oficial chamado Lorens Lowenhielm, que desfrutara de uma vida de dissipações na cidade para onde fora destacado e contraíra dívidas. No ano de 1854, quando Martine tinha a idade de dezoito, e Philippa, dezessete, um indignado pai obrigou-o a fazer uma visita mensal à tia em sua velha casa de campo em Fossum, perto de Berlevaag, onde teria tempo de refletir e melhorar seus hábitos. Certo dia, cavalgou até a cidade e avistou Martine na praça do mercado. Do alto da montaria, fitou a linda moça, que devolveu o olhar ao belo cavaleiro. Depois que ela passou e desapareceu, ficou sem saber se deveria acreditar nos próprio olhos.¹¹⁰

Após ser incapaz de expressar seu amor por Martine, Lorens parte dizendo “Vou partir para sempre! Nunca mais a verei! Pois aprendi aqui que o destino é severo e que neste mundo há coisas impossíveis”. Lorens poderia fazer referência tanto ao pai, Wilhelm, por ser um aristocrata “desmotivado”, quanto ao grande amor não correspondido da vida de Karen, Hans Finecke-Blixen. Karen conheceu Hans no final da adolescência e se apaixonou perdidamente por ele, mas foi rejeitada, casando-se posteriormente com seu irmão Bror Finecke-Blixen. Bror, segundo Judith Thurman era uma sombra pálida do irmão e o casamento dos dois foi bastante infeliz, principalmente quando moraram na África.

¹⁰⁹ Ibidem. p. 42.

¹¹⁰ BLIXEN, Karen. **A Festa de Babette**. São Paulo: Cosac Naify portátil, 2006. p. 10

Lorens, no entanto, volta a encontrar Martine, justamente no jantar promovido por Babette e é o único na mesa que conhece aquele tipo de gastronomia, fruto de sua experiência no exterior. Podemos apenas conjecturar sobre a personalidade de Lorens, talvez ele representasse uma mistura de Hans e Wilhelm, ou ainda seja outra pessoa da vida de Karen ou mesmo um personagem apenas vagamente baseado em elementos de sua vida pessoal.

Outro aspecto importantíssimo na mentalidade de Karen Blixen que se faz presente no conto de maneira decisiva é o cosmopolitismo da autora¹¹¹, juntando-se com a percepção de que era especial, em seu meio e, portanto, diferenciada. Assim temos praticamente um esboço da personalidade de Babette. A cozinheira era francesa e passara a maior parte da sua vida em Paris, uma cidade que na época era uma das mais movimentadas e interessantes metrópoles do mundo.

A própria Karen não parecia acreditar em uma nobreza herdada, afinal se via diferente de suas próprias irmãs. Babette, no conto, teve de fugir de Paris, pois era uma *communarde* (dificilmente um membro da elite), ou seja, o que a diferenciava não era sua origem aristocrática, mas sim sua habilidade artística e singularidade. Em um mundo desprovido dessa efervescência e criatividade, como era o caso do vilarejo de Berlevaag, Babette teve que trazer esse mundo à Berlevaag.

Em uma das passagens mais marcantes da obra, já após o banquete, Babette se declara uma artista, e quando as irmãs agradecem pelo jantar que pensavam ter sido feito para elas, segue o seguinte diálogo:

“Por sua causa?” retrucou. “Não. Foi por minha causa.” Ergueu-se do toco e ficou de pé diante das duas irmãs. “Sou uma grande artista, madames?”. Mais uma vez por um longo tempo houve silêncio na cozinha. Depois, Martine disse: “Então vai ser pobre o resto da vida Babette?” “Pobre?”, disse Babette. Sorriu para si mesma ao ouvir isso. “Não, nunca vou ser pobre. Já lhes disse que sou uma grande artista. Uma grande artista, madames, nunca é pobre. Temos algo, madames, a respeito do qual as outras pessoas não fazem a menor ideia.”¹¹²

Como podemos observar nesse trecho, a alma de um grande artista e o fato de ser diferenciado dos demais era realmente importante para Karen Blixen. Há aqui uma aparente contradição, ela tinha grande orgulho de pertencer ao grupo mais aristocrático

¹¹¹ Ver anexo 06. p.59.

¹¹² BLIXEN, Karen. **A Festa de Babette**. São Paulo: Cosac Naify portátil, 2006. p. 53.

da família paterna, mas no conto e em suas outras obras, fica evidente que para ela o espírito do artista não dependia de dinheiro e tampouco de sua origem social ou local de trabalho, mas sim desse “espírito artístico”, que ela acreditava ter e ser pertencente à família de seu pai. No entanto, parece bastante evidente que para uma pessoa acostumada a viver em grandes centros, cercada de pessoas interessantes, a sua Dinamarca natal poderia ser bastante enfadonha e até mesmo angustiante, principalmente após suas experiências na África. Judith Thurman coloca que certa vez ao retornar para Rungstedlund, Karen afirma que seu sentimento foi de “algo como a sensação moral e intelectual que sentimos num compartimento cheio de gente ou numa sala de espera, onde as janelas estão fechadas.”¹¹³

O que Babette faz, com seu banquete é justamente combater esse ambiente “sufocante”, com sua arte, e a arte escolhida por Karen Blixen é a gastronomia. Afinal, como coloca Jean Paul Aron, citado anteriormente, a alimentação nasce de uma necessidade, mas pode elevar-se até uma forma muito refinada de arte, a gastronomia.

3.2 O BANQUETE DE BABETTE

A escolha da gastronomia como forma de arte representada no conto não foi por acaso. Em 1949, um amigo de Karen, Geoffrey Gorer apostou com Karen que ela não seria capaz de escrever algo que fosse aceito no *Saturday Evening Post*, revista norte-americana. Ao elaborar a história Karen pensou que para ser aceita sua história teria que ser adaptada as exigências do mercado. E foi Gorer quem fez a sugestão, “escreva sobre comida”, disse ele, “os americanos são obcecados por comida.” Karen, no entanto, escreveu sobre comida de uma maneira diferente daquele tipo de refeição que estava ganhando espaço nos Estados Unidos (o fast food). Ela escreveu sobre a comida ou a alimentação da maneira mais refinada possível.

O conto foi rejeitado pelo *Saturday Evening Post* e também pela *Good Housekeeping*, um dos motivos apresentados pelos editores para a recusa foi que o texto só interessaria a “pessoas de renda muito alta”. Mas quando Karen já havia perdido as esperanças, o *Ladies' Home Journal* o aceitou e o publicou no final de 1950.

Já nas primeiras páginas do conto, a autora coloca que é para os seguidores do deão comer bem é um pecado, assim como qualquer outro prazer carnal. Ao escrever a

¹¹³ THURMAN, Op. Cit. p. 119.

carta explicando quem era Babette e o motivo pelo qual pedia as irmãs para que a acolhessem, Achille Papin coloca um *post scriptum*; "Babette sabe cozinhar", as irmãs logo desconfiam, pois pelo que sabiam, na França, as pessoas comiam rãs¹¹⁴. Karen Blixen descreve da seguinte maneira as suspeitas das irmãs quanto à culinária de Babette:

Mostraram a Babette como preparar o bacalhau seco e uma sopa de cerveja com pão; durante a demonstração, o rosto da francesa ficou impassível. Mas em uma semana Babette preparava bacalhau seco e sopa de cerveja com pão tão bem quanto qualquer um nascido e criado Berlevaag. A ideia do luxo e da extravagância francesa foi o ponto seguinte a causar alarme e apreensão às filhas do deão. No primeiro dia em que Babette ficou a seu serviço, chamaram-na e explicaram que eram pobres e que, para elas, comidas sofisticadas eram pecado. A alimentação delas tinha de ser o mais simples possível; eram os panelões de sopa e cestas para os pobres que importavam.¹¹⁵

Com o tempo as preocupações das irmãs se dissipam, Babette era uma excelente empregada, todos os habitantes do vilarejo gostavam dela, e ela nunca demonstrou nenhum hábito pecaminoso, no entanto, algumas vezes as irmãs a pegavam em uma profunda melancolia, olhando pela janela.

Quando Babette ganha na loteria e pede a elas para organizar um legítimo banquete francês, as irmãs concordam, afinal, Babette nunca havia pedido nada a elas. Mas quando os ingredientes começam a chegar, seus velhos temores despertam novamente. Aqui a autora oferece ao leitor mais uma amostra de seu humor extremamente refinado e brinca com diversos elementos que comentamos anteriormente, entre eles o provincianismo, mas ao mesmo tempo a inocência e pureza dos habitantes do vilarejo e das irmãs. Isso fica evidente em um trecho que Martine observa os ingredientes, que Babette mandou vir de Paris, serem descarregados:

"O que é isto na garrafa Babette?", perguntou em voz baixa. "Seria vinho?" "Vinho madame!?", retrucou Babette. "Não, madame. É um Clos Vougeot 1846!" Após um minuto acrescentou: "De Philippe, na Rua Montorgueil!". Martine jamais suspeitara que vinhos pudessem ter nome, então ficou em silêncio (...). O jovem sorriu para ela conforme erguia um objeto grande, indefinível, do carrinho. À luz do lampião, parecia um tipo de pedra verde-escura, mas ao ser pousada no

¹¹⁴ BLIXEN, Karen. **A Festa de Babette**. São Paulo: Cosac Naify portátil, 2006. p. 21.

¹¹⁵ Idem.

chão da cozinha, subitamente pôs para fora uma cabeça em forma de serpente e moveu-se ligeiramente de um lado a outro. Martine já vira desenhos de tartaruga e chegara até a possuir uma tartaruga de estimação quando era criança, mas aquela coisa era de um tamanho monstruoso, terrível de se olhar. Retrocedeu a cozinha sem emitir uma palavra.¹¹⁶

As irmãs temiam que o banquete de Babette se convertesse num banquete do pecado e pensavam no que o seu velho pai diria se visse todos aqueles ingredientes sofisticados. Martine chega a ter um sonho em que Babette envenena todos os fiéis e inclusive ela e Philippa.

O clímax do conto é o banquete, pouco a pouco os convidados vão chegando, na intenção de permanecerem fiéis ao pacto que haviam feito de não tecerem nenhum comentário sobre a comida. Apenas o general Lorens, que desconhecendo o pacto e maravilhado com a comida faz diversos comentários, lembrando-se de quando ele foi homenageado por oficiais da cavalaria francesa no *Cafe Anglais* em Paris, ocasião na qual havia comido sopa de tartaruga e *cailles em sarcophage*, além dos melhores vinhos franceses. O general chega a fazer um discurso emocionado, que não é inteiramente compreendido pelos presentes. Vale destacar que a parte do jantar é magnificamente representada na adaptação cinematográfica de Gabriel Axel¹¹⁷. O filme durante toda a projeção tem tons acinzentados e frios, mas nesse momento muda e suas tonalidades ficam mais fortes, as cores mais vibrantes. Aliás, todo o filme é muito fiel à obra original, talvez por ser uma produção independente. Não deixa de ser relevante o fato de ter ganho o Oscar de melhor filme estrangeiro em 1987, graças aos méritos artísticos do diretor, mas também à universalidade da história de Karen Blixen.

Aqui ocorre a grande transformação no estado de espírito dos presentes, a congregação que há algum tempo estava dominada por uma cizânia, encontra no jantar e nas maravilhas oferecidas por Babette, paz de espírito e a redescoberta das amizades. Duas senhoras que haviam se difamado relembram a infância, quando andavam por Berlevaag cantando de mãos dadas. Dois irmãos da congregação que há muito não se falavam por conta de um negócio, em que um tapeou o outro, agora davam risada lembrando-se do episódio.

¹¹⁶ Ibidem. p. 30 - 31

¹¹⁷ Ver anexo 07. p. 60.

Enfim, o jantar promovido por Babette mudou completamente o estado de espírito das pessoas. Que afinal, é o que Babette pretendia, é o que todo grande artista (como ela mesma se intitula no trecho citado anteriormente) procura. E é significativo que ela o tenha feito através da alimentação. Aqui podemos lembrar das palavras do professor Carlos Roberto Antunes dos Santos, quando afirma que “Alimentar-se é um ato nutricional, comer é um ato social, pois se constitui de atitudes, ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações. Nenhum alimento que entra em nossas bocas é neutro.”¹¹⁸

O trecho que melhor revela a transformação ocorrida com os convidados de Babette é o seguinte:

Sobre o que aconteceu mais tarde nessa noite, nada concreto pode ser afirmado. Nenhum dos convidados tem clara lembrança disso. Só sabiam que os aposentos da casa se encheram com uma luz celestial, como se inúmeros pequenos halos houvessem se misturado numa única e gloriosa radiância. Um bando de velhos taciturnos adquiriu o dom da glossolalia; ouvidos que por anos estiveram surdos abriram-se para ela. O próprio tempo fundiu-se na eternidade. Muito depois da meia noite as janelas da casa brilhavam como ouro e canções douradas fluíam através da janela invernal.¹¹⁹

A gastronomia tem essa capacidade, de despertar nas pessoas sensações profundas, memórias e paixões esquecidas, é na verdade, como afirma Babette e Jean Paul Aron; “uma forma elevada de arte” e como tal um primeiro contato com ela pode despertar um interesse ou mesmo um desejo de cada indivíduo de permanecer cercado dessa arte.

¹¹⁸ SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **História da Alimentação no Paraná**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2005. p. 12

¹¹⁹ BLIXEN, Karen. **A Festa de Babette**. São Paulo: Cosac Naify portátil, 2006. p. 47

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura como fonte histórica, na visão de Roger Chartier, não deve ser entendida como um ponto fixo, mas sim como um conjunto de significados que tem diversos pontos de contato com outras subjetividades. E o produto final da obra não seria necessariamente uma verdade, mas sim uma representação do mundo. Uma das coisas mais fascinantes à respeito da literatura é que cada leitor se relaciona com a narrativa de uma forma única, nesse trabalho tentamos apenas estabelecer algumas situações que podem ser evidenciadas através da biografia de Karen Blixen e, fizemos também, a ligação com a História e Cultura da Alimentação, que é um campo bastante específico dentro da História Cultural.

Para entendermos o tanto da vida pessoal de Karen Blixen que está presente no conto, podemos afirmar que é impossível que um artista realize qualquer tipo de obra sem colocar um pouco de si nela. Logicamente tudo depende de como temos contato com a vida da autora, no nosso caso as duas fontes principais utilizadas foram a biografia de Karen Blixen escrita por Judith Thurman e o site oficial do museu sobre Karen. O site e a biografia nos oferecem tipos diferentes de informações, embora não sejam contraditórias. No caso do site, o caráter é muito mais informativo e os textos se parecem mais com reportagens de jornal, relatando fatos, mas não fazendo muitas inferências sobre a vida da autora. Já Judith Thurman faz relações, comentários e coloca sua perspectiva sobre os acontecimentos da vida de Karen.

Aqui buscamos uma leitura equilibrada das duas fontes, afinal boa parte do segundo capítulo desse trabalho foi uma espécie de advertência sobre como lidar com essas fontes biográficas. Muitas vezes, como afirma Pierre Bourdieu, tentamos compreender a vida de alguém como uma cadeia de significados consecutivos aos quais damos o significado que nos convém¹²⁰. Porém, concordamos com Sabina Loriga quando ela afirma que a biografia é sim uma fonte útil, afinal, algumas vezes é a única possível. Nessa leitura equilibrada das fontes o que se buscou foi realizar o que Loriga afirma ser uma “biografia coral”¹²¹.

A partir disso, podemos inferir que há muito da vida pessoal de Karen no conto “A Festa de Babette”. Como sustenta Roseli Boschilia em seu artigo “Sidônio Muralha:

¹²⁰ BOURDIEU, Op. Cit. 183.

¹²¹ LORIGA, Op. Cit. p. 244.

Memórias Autobiográficas de um Homem Arrastado”¹²², as obras literárias são uma espécie de autobiografia. A escolha do local onde se desenrola a narrativa é bastante semelhante à casa onde Karen viveu a maior parte do tempo. A religiosidade e provincianismo dos habitantes do local também são bastante semelhantes a um ambiente que Karen frequentou desde a infância. E que contrastam com a visão de mundo que iria desenvolver posteriormente. O próprio banquete e a presença de Babette são uma maneira de “quebrar” esse isolamento que era comum para Karen.

Representações de figuras familiares também estão presentes, embora muitas vezes de maneira sutil ou disfarçada. Há também um elemento implícito, talvez inconsciente, que é a maneira como Karen descreve, por exemplo, as minúcias do jantar, as louças, a qualidade dos vinhos só poderiam ter sido feitos a partir de certo lugar social. E como pudemos ver o lugar social da autora é da aristocracia e da burguesia dinamarquesa da época, o que em certa medida explica a maneira como descreve esses detalhes.

No entanto, a autora não tem uma posição ideológica nesses “embates”, burguesia – aristocracia, religiosos – secularistas ou cosmopolitas – provincianos. Ela tinha sua própria visão de mundo e lutou muito por sua independência, provavelmente até guardasse ressentimentos pela sua criação, mas não me parece que tentasse impor sua visão. Karen era uma autora demasiado refinada para isso e quando pretende “atacar” algo, o faz com senso de humor, talvez alguma demonstração de melancolia e sem perder a ternura. Pelo menos é o caso de “A Festa de Babette”, há outras obras da autora que tem um viés mais carregado, pessimista e sombrio.

Quanto a ligação do conto com a História e Cultura da Alimentação ela é evidente e bastante interessante. Uma vez que Karen parecia compreender intuitivamente aquilo que os historiadores e teóricos da alimentação iriam afirmar posteriormente. E eles viriam a afirmar que a alimentação é um precioso revelador da cultura seja de uma sociedade ou de grupos específicos dentro da mesma. Os seguidores do deão tinham uma maneira singular de se alimentar que condizia com sua visão de mundo, qualquer coisa além do básico seria um pecado, afinal a vida era destinada apenas à adoração divina.

¹²² BOSCHILIA, Op. Cit.

Babette, vinda de outra cultura (e isso como vimos, relaciona-se com a visão de mundo de Karen) tem uma compreensão totalmente diferente da alimentação. É no choque cultural que se demonstra o grande dom artístico de Babette, e isso de certa maneira é capaz de transcender alguns tabus muito bem consolidados em determinado grupo. Nesse aspecto, a gastronomia é muito poderosa, afinal surge de uma necessidade fisiológica (todos precisam comer) o que torna muito mais fácil o contato com essa cultura externa. Finalizo mais uma vez citando o professor Carlos Roberto Antunes dos Santos quando ele afirma que: “o que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come, como se come e com quem se come. Enfim este é o lugar da alimentação na História”.¹²³

¹²³ SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **História da Alimentação no Paraná**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2005. p. 12

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARON, Jean Paul. A Cozinha: um cardápio do século XIX. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História, novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.
- BARBERY, Muriel. **A Morte do Gourmet**. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.
- BLIXEN, Karen. **Anedotas do Destino**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- _____. **A Festa de Babette**. São Paulo: Cosac Naify portátil, 2006.
- BOSCHILIA, Roseli. Sidónio Muralha: memórias autobiográficas de um “homem arrastado”. **Navege@mérica. Revista electrónica editada por la Asociación Española de Americanistas**. 2013, n. 11. Disponível em <http://revistas.um.es/navegamerica>.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FIGUEIREDO, Janaina Amado Baptista de; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. São Paulo: FGV, 2006.
- BRILLAT-SAVARIN, Jean Anthelme. **A fisiologia do gosto**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1989.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929 – 1989: A Revolução Francesa da Historiografia**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1992
- BURKE, Peter. **Burke. A escrita da história**. São Paulo: UNESP, 1992.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. São Paulo: USP, 1983.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro; Lisboa: Bertrand Brasil: DIFEL, 1990
- CORÇÃO, Mariana. **Os Tempos da Memória Gustativa: Bar Palácio, Patrimônio da Sociedade Curitibana (1930-2006)**. Curitiba, 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

- DA MATTA, Roberto. **O que faz do Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- ELIAS, N. O processo civilizador: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação.** São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogo de Escalas: A Experiência da Microanálise.** FGV: Rio de Janeiro, 1998.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra; CARNEIRO, Henrique. História da alimentação: balizas historiográficas. In: **Anais do Museu Paulista – História e Cultura Material** . São Paulo: Nova Série, v. 5, p. 9-91, jan-dez,1997.
- NADALINI, Ana Paula. **Comida de Santo na Cozinha dos Homens: Um Estudo da Ponte Entre Alimentação e Religião.** Curitiba, 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- PIFFAR, Giovanna. **A Polenta Como Forma de Expressão da Cultura Popular Italiana.** Curitiba, 2006. 91 f. Monografia (Graduação em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- PLATÃO. **O Banquete.** São Paulo: Saraiva de Bolso, 2012.
- REINHARDT, Juliana Cristina. História e alimentação: uma nova perspectiva. **Revista Vernáculo**, [S.l.], n.3, DEZ. 2000.
- RIBEIRO, Cilene da Silva Gomes. **Tudo Pronto: O Comer Fora e o Prazer Reinventado – Curitiba (1970-2000).** Curitiba, 2012. 260 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **História da Alimentação no Paraná.** 2. ed. Curitiba: Juruá, 2005.
- _____. **Alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa.** História Questões e Debates. n. 42. Curitiba: UFPR, 2005.p. 17.
- SILVA, Heloise Peratello e. **A Negação da Carne: O Universo do Não Comer e a Idealização dos Hábitos Alimentares (1977 – 2006).** Curitiba, 2008. 41 f. Monografia

(Graduação em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Site oficial do KAREN BLIXEN MUSEET – Museu dedicado a vida e obra de Karen Blixen: Disponível em: <http://blixen.dk/en/>

TEDESCHI, Losandro Antonio. O Fazer Histórico e a Invisibilidade da Mulher.

OPSIS, Goiânia, v.7, n. 9. P. 329-339, jul/dez. 2007.

THURMAN, Judith. **A vida de Isak Dinesen (Karen Blixen)**. Record: Rio de Janeiro, 1985

ANEXOS

ANEXO 01:



(Extraído de <http://www.flickr.com/photos/maltesenwordpresscom/807701950/> Berlevåg. Acesso em 24/05/2014)

ANEXO 02:



(THURMAN, Judith. **A vida de Isak Dinesen (Karen Blixen)**. Record: Rio de Janeiro, 1985)

ANEXO 03:



(Extraído de: <http://blixen.dk/en/rooms-and-the-building/the-museum-building/>. Acesso em 24/05/2014)

ANEXO 04:



(Extraído de: < <http://blixen.dk/en/life-and-writings/karen-blixens-life/childhood-and-youth/>>. Acesso em 24/05/2014.)

ANEXO 05:



(Extraído de: <http://blixen.dk/en/life-and-writings/karen-blixens-life/karen-blixen-in-africa/>. Acesso em: 25/05/2014)

ANEXO 06:



(Extraído de: THURMAN, Judith. **A vida de Isak Dinesen (Karen Blixen)**. Record: Rio de Janeiro, 1985)

ANEXO 07



(Extraído de: < http://www.imdb.com/title/tt0092603/mediaindex?ref=tt_pv_mi_sm>. Acesso em: 25/05/2014)